

Experiência Poética Literária Profano
Pedagógica Mochila



Gigana Punk

Keo Klee Noll

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS
JANAÍNA KLEE NOLL

**EXPERIÊNCIA POÉTICA LITERÁRIA PROFANA
E PEDAGÓGICA MOCHILEIRA PIRATA CIGANA PUNK**

PORTO ALEGRE
2019

JANAÍNA KLEE NOLL

**EXPERIÊNCIA POÉTICA LITERÁRIA PROFANO
EDAGÓGICA MOCHILEIRA PIRATA CIGANA PUNK**

Projeto de Pesquisa apresentado ao curso de Licenciatura em Artes Visuais, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul a ser utilizado como diretrizes para manufatura do trabalho de conclusão de curso, sob orientação do professor Carlos Augusto Nunes Camargo.

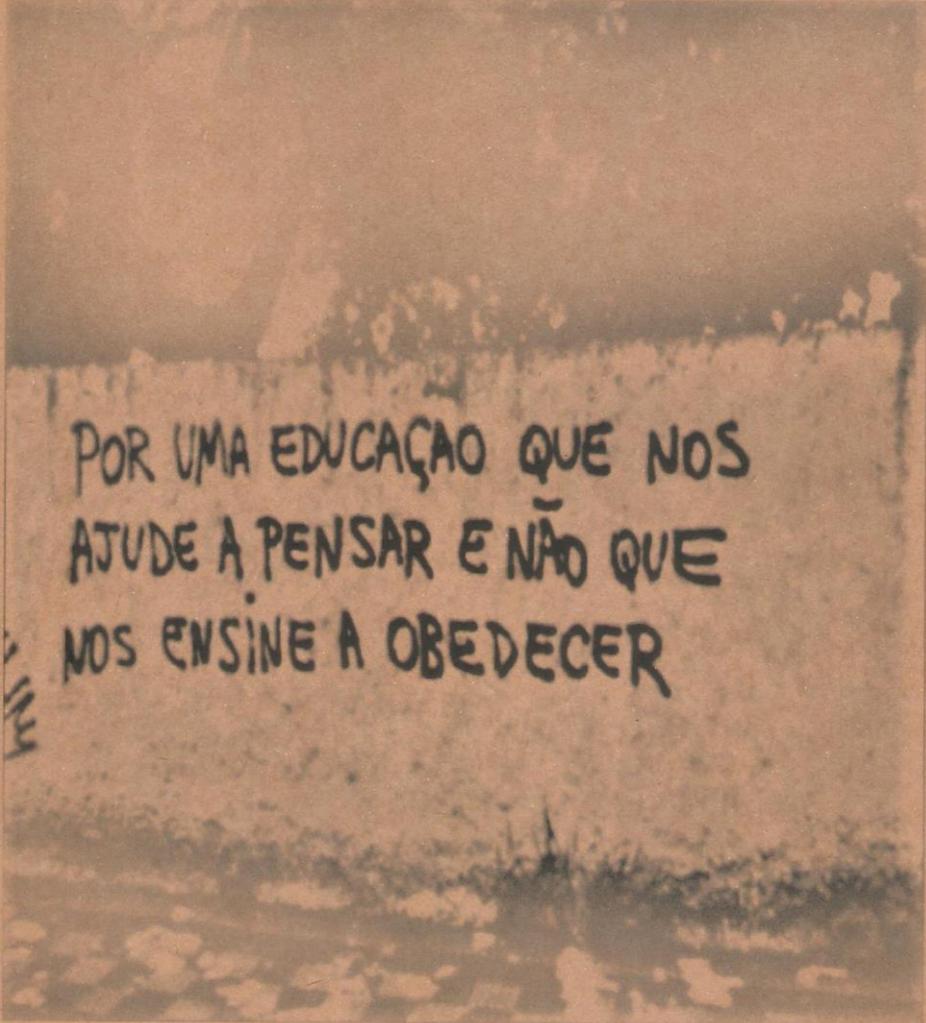
PORTO ALEGRE

2019





Por uma educação que nos ajude a pensar e não que nos ensine a obedecer.



POR UMA EDUCAÇÃO QUE NOS
AJUDE A PENSAR E NÃO QUE
NOS ENSINE A OBEDECER

Dedico esta produção à meu tio,
João Gilberto Noll.

Sua presença-ausência segue latente, nas memórias, nos livros, nas prateleiras, nas ruas. Essa presença que é potente, compulsiva, pulsional, de uma tal ausência, continental. Inspiração, apreço. À arte, ainda pulsa. O regozijo de poder criar, segue visceral.

Agradeço ao meu orientador e amigo, Carusto, pela parceria e estímulo, não somente no percurso de criação deste trabalho, mas durante toda a estada no curso de Artes Visuais. À minha família, por sempre estar presente e incentivando a minha relação com as artes. Todos arteiros, ratazanas, punks, anarquistas, loucos, atordoados, dadaístas, provos, poetas, dissidentes, pichadores, black blocs, drogados, desequilibrados, nômades, botequeiros, marginais.

Eu acho que tem que doer um pouco, a escrita, se não doer um pouco é porque tem alguma coisa errada aí. São pequenos golpes de atrito que fazem você escrever, eu acho, você tem que ir um pouco além daquilo que você vive, na literatura, daquilo do que você é obrigado a viver no meio social. Se esconde muita coisa diante dos outros né? E na literatura você tem que desvelar, tem que revelar isso. É isso que dói.

João Gilberto Noll

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma produção que foi desenvolvida através de uma pesquisa cartográfica, pautada em reflexões acerca das experiências vividas no período de estágio. Traz a figura do professor como indivíduo aberto à um encontro-aula que potencializa as individualidades de todos os envolvidos, alunos e professor. Vislumbra a aula sendo transformada em um momento de encontro marcado, tendo o projeto de aula como disparador para a descoberta e criação de novos saberes, por todo o grupo envolvido. Professor aberto ao risco do afeto, do desconhecido, em uma aula que é desenhada no próprio ato, no percurso, assim como este trabalho, que foi se constituindo como reflexão crítica pedagógica e tornou-se também, durante a pesquisa, criação poética. Pelo fato de a escrita ter despertado alguns desvios, trouxe alguns deles para dentro do livro-corpo. Entre eles, poemas e trabalhos gráficos. A confecção se deu de maneira pulsional, com uma escrita não convencional, inclinada para uma linguagem poético-literária.

Palavras-chaves: experiência, ratazanar, tesão, escrita, corpo.

SUMÁRIO

Introdução

Artéria I

Escrevo porque vou morrer

Ensaio sobre a experiência-estágio

Isto não é um diário

Aorta

Fotocópias de um não-diário

Artéria II

A potência do encontro

Artéria III

O professor-pirata

O professor-mochileiro

O professor-cigano

Artéria IV

Educação profano-pedagógica

Artéria V

RATAZANAR - Um manifesto metodológico

Referências

INTRODUÇÃO

Esta produção é nada mais que uma especulação poética a partir de uma experiência-estágio em Artes Visuais e textos escritos no período pós essa vivência educativa. Corporificada pelo Bloco Aorta, como chamo o fragmento das fotocópias de um não-diário em folhas coloridas e os blocos que o atravessam, promovendo a pulsação da linguagem. São eles, Artéria I, Artéria II, Artéria III, Artéria IV e Artéria V. O coquetel de pensamentos desponta expondo o tesão pela leitura e escrita potencializado na rota da viagem-pesquisa e o despertar do animal-poeta que habita em mim. Narrativa à flor da pele, vem como brisa suave dos momentos ainda frescos, ventania de palavras que arriscam fechar e documentar um ciclo de experiências vivido em um espaço educacional. Através da escrita, memória em fluxo, desagua na página branca a lembrança/evidência de que por trás das paredes de concreto de uma sala de aula, o encontro de indivíduos munidos de certa abertura e o desenrolar de uma relação-sensível-afetiva, é possível vislumbrar terreno/zona fértil para provocações de ARREPIO. Reflexões acerca do momento de confecção de um não-diário, cartografia afetiva da experiência/estágio, do ato de criação de uma narrativa textual/visual e as próprias páginas dele fotocopiadas. Uma cartografia traçada pelo desejo, excitada pela vontade de seguir em movimento. Investigativa, apaixonada, aviva as palavras, parindo uma escrita molhada, linguagem desviada. A partir disso, nomeio a metodologia utilizada no processo de: Ratazanar. Objetivando exteriorizar a força de um trabalho de pesquisa quando calcado no desejo e potência do pesquisador. Espero que a leitura desse manifesto do desejo e tesão por uma pesquisa-viagem, escrito por um sujeito da experiência, seja provocadora de arrepios, tatuando novos mapas e despertando os potentes viajantes possíveis no interior de cada leitor.

E aí que no conforto de uma **poltrona densa** de **história**, uma proposta de uma "possível fecundidade da forma-silêncio" somada a **lembrança-inventada** da cena de um brinde em alguma mesa de bar, "Ahh, a vida é boa"

...

Percebo que o que eu quero é que meu TCC seja não mais que uma

ExperiênciaPoéticoLiteráriaProfanoPedagógicaMochileiraPirataCiganaPunk

ExperiênciaPoéticoLiteráriaProfanoPedagógicaMochileiraPirataCiganaPunk

ExperiênciaPoéticoLiteráriaProfanoPedagógicaMochileiraPirataCiganaPunk

ExperiênciaPoé ticoLiteráriaP rofanoPedagógi caMochileiraPi rataCiganaPunk

ExperiênciaPoéticoLiteráriaProfanoPedagógicaMochileiraPirataCiganaPunk

ExperiênciaPoéticoLiteráriaProfanoPedagógicaMochileiraPirataCiganaPunk

ExperiênciaPoéticoLiteráriaProfanoPedagógicaMochileira

ExperiênciaPoéticoLiteráriaProfanoPedagógicaMochileiraPirataCiganaPunk

Fotografia da poltrona, densa de livros, no apartamento do escritor João Gilberto Noll, após sua partida.



Fotografia da poltrona, densa de livros, no apartamento do escritor João Gilberto Noll, após sua partida.

Preceitos para ser um **bom** MAL-EDUCADO em um encontro-aula, na produção de um TCC, na vida:

Não modelar a vontade dos outros;
Não usar a pesquisa para profetizar sobre o futuro ou prescrever receitas;
Desdisciplinarizar;
Acontecimentalizar;
Fazer perguntas;
Escrever de forma aguda e inquietante;
Romper com as hierarquias;
Sair do previsto;
Ousar com espanto e estranhamento;
Inquietar-se com a reprodução;
Perder os roteiros e descolar-se das fotos;
Dançar com o pensamento;
Navegar sem bússola em meio às intempéries e surpresas do percurso;
Criar e experimentar;
Interrogar ética, estética e politicamente os acontecimentos;
Livrar-se das bandeiras;
Aventurar-se a dar gargalhadas;
Rir da burocracia;
Fabricar janelas e portas por onde se possa fugir;
Abrir passagens e fendas;
Encontrar brechas;
Experimentar ao invés de informar;
Fazer a potência do aprender se multiplicar;
Esticar a linha do pensar;
Cortar com a escrita;
Não prever;
Mergulhar na intensidade;
Percorrer trilhas no fio da navalha sem marcar o caminho;
Burlar as regras e embaralhar os códigos;
Inventar cartografias;
Ousar na busca de novas perguntas;
Desnaturalizar os objetos de estudo;
Fazer lutas no plano cotidiano;
Resistir aos sistemas de medida e normalização;
Desenhar os mapas para depois rasgá-los;
Efetuar a potência dos encontros;
Descolonizar o pensamento e inventar a política;
Pulsar e vibrar, criticando a paralisia;
Mover as fronteiras;
Desacelerar a velocidade das informações;
Rejeitar o consenso;
Intensificar os processos de diferenciação;
Provocar erosões no tempo linear e contínuo;
Criar rotas de fuga;
Vagar pelos sórdidos becos;
Problematizar as relações de saber-poder e seus efeitos;
Colocar em questão a educação como empresa;
Subverter.

O presente manifesto, código de conduta para um bom mal-educado, surgiu da extração, combinação e apropriação poética de frases sublinhadas por mim durante a leitura do texto sobre a palavra "Subverter" presente no livro "Pesquisar na Diferença - Um abecedário" de Tania Mara Galli Fonseca.



SUBVERTER

*Flávia Cristina Silveira Lemos
Alyne Alvarez Silva
Daniele Vasco Santos*

[REDACTED]

Não modelar a vontade dos outros; não usar a pesquisa para profetizar sobre o futuro ou prescrever receitas; [REDACTED]

[REDACTED] desdisciplinarizar; [REDACTED] acontecimentalizar; fazer perguntas; escrever de forma aguda e inquietante; [REDACTED]

Romper com as hierarquias; sair do previsto; ousar com espanto e estranhamento. Inquietar-se com a reprodução; perder os roteiros e descolar-se das fotos; dançar com o pensamento. [REDACTED] navegar sem bússola em meio às intempéries e surpresas do percurso, deixando-se afectar pelas ressonâncias do processo; [REDACTED] criar e experimentar; interrogar ética, estética e politicamente os acontecimentos; [REDACTED]

[REDACTED] livrar-se das bandeiras; [REDACTED]

[REDACTED] aventurar-se a dar gargalhadas; ironizar o cinismo; rir da burocracia; fabricar janelas e portas por onde se possa fugir; abrir passagens e fendas; encontrar brechas; [REDACTED]

[REDACTED]



[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

Experimentar ao invés de informar; fazer a potência do aprender se multiplicar; esticar a linha do pensar; cortar com a escrita; [redacted] não prever, mergulhar na intensidade; percorrer trilhas no fio da navalha sem marcar o caminho; burlar as regras e embaralhar os códigos; inventar cartografias; ousar na busca de novas perguntas; desnaturalizar os objetos de estudo.

[redacted] fazer lutas no plano do cotidiano; [redacted]

[redacted] resistir aos sistemas de medida e normalização.

[redacted] desenhar os mapas para depois rasgá-los; [redacted]

[redacted] efetuar a potência dos encontros; [redacted]

[redacted] descolonizar o pensamento e inventar a política; pulsar e vibrar, criticando a paralisia; mover as fronteiras; desacelerar a velocidade das informações; rejeitar o consenso; intensificar os processos de diferenciação; [redacted]

[redacted] provocar erosões no tempo linear e contínuo [redacted]

[redacted] criar rotas de fuga; vagar pelos sórdidos becos; [redacted]

[Redacted]

[Redacted]

[Redacted]



[REDACTED]

[REDACTED] problematizar as relações de saber-poder e seus efeitos.

[REDACTED] e a educação como empresa; [REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

[REDACTED]

Bibliografia:

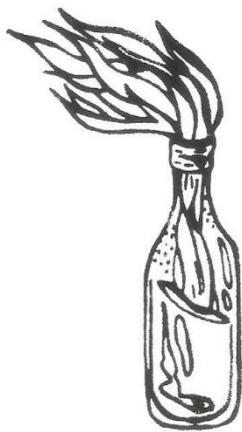
- DELEUZE, G. *Foucault*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- _____. *A Ordem do Discurso*. 11. edição. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- VEYNE, P. *Como se escreve a história*. Brasília: UnB, 1998.



[REDACTED]



Artéria I



Escrevo porque vou morrer.

Chega então, o momento de realizar o célebre "TCC". Trabalho-de-conclusão-de-curso. Etapa final do processo de formação acadêmica. Como estudante-universitário-professor-artista, sujeito da experiência, transformo o peso do caráter obrigatório de um trabalho acadêmico, em tesão.

Inauguro a missão com a prática de desengavetar textos antigos, em sua maioria nunca lidos, salve algumas exceções. Seleciono alguns títulos que chamam a minha atenção. Começo a comê-los com os olhos de maneira quase instintiva na busca de algo que me despertasse alguma excitação.

É nos braços de Jorge Larrosa, com o artigo "Experiência e Alteridade em educação" onde encontro o primeiro afago, estímulo para exprimir pensamentos que já me circundavam, agora atravessados/conectados/amparados.

A traça que me habita se manifestou faminta. Sempre gostei de escrever, mas não era muito adepta ao ato da leitura. Assim que a fome apareceu, comecei a ir atrás de alimento. Existem algumas espécies de traça, mas a que me refiro é aquela bem comum no ambiente urbano, pesadela das bibliotecas, conhecida como "traça do livro", por sua principal fonte de alimento ser o papel. Comecei a buscar livros que sempre tive vontade de ler mas pela falta de algum impulso/fome ainda não tinha o feito. Pesquisei através das referências bibliográficas dos impressos desengavetados, outras leituras possíveis. O prazer no ato da leitura evocado do instinto de sobrevivência da traça antes adormecida. Começo a encontrar afinidade e fazer conexões com o que vivenciei no período do estágio e em como me enxergo/sinto enquanto professor.

Fundamento o processo de pesquisa que realizei e propiciou o arranjo dessa produção arte-literária-profano-pedagógica baseado no desejo, no movimento. Movendo-se por mapas traçados a partir da fome. Cartografia do tesão, excitada pelo caminho, pela busca ao desconhecido, por algo que afete, tatue mapas na pele. O que me traz agora na memória um trecho que li no capítulo "Uma aula não precisa ser confundida com todas as aulas", escrito por Angélica Vier Munhoz e Luciano Bedin da

Costa, no livro "Arte e Filosofia na Mediação de Experiências Formativas", sobre a pesquisa ser incumbida pelo trabalho do desejo, calcada em um fragmento de Roland Barthes "Se essa assunção não se dá, o trabalho é moroso, funcional, alienado, movido pela necessidade de prestar um exame, de obter um diploma, de garantir uma promoção na carreira" (2004, p. 99).

Corpo, pele, desejo, de um estudante/professor/artista. Essa produção, não é só um TCC. É experiência, especulação poética, artigo-acadêmico-literário. Música, ruído, manifesto desenhado pela trajetória de uma traça punk.

O corpo lateja. O anseio por experiências é notavelmente pulsante. Experiências estas como o que resta de terra fértil. Potentes provocadoras de atraentes sentimentos. O corpo transborda. Os fluídos que escorrem encharcam a terra. (Keô, 2015, p.2)

Traça ratazana. Animal errante de alma arteira. Escrevo porque vou morrer e só está destinado à morte quem agora está vivo. O artista-arteiro-traça-ratazana está vivo e transpira arte. O que seria do artista sem o regozijo de expandir o corpo através da arte? Sujeito sensível, provido de artérias irrigadas por desejos. Este livro é um objeto de arte, experiência, viagem. Devaneio de um sonhador viciado em intensidades provocadoras de experiência. Enquanto risco o lápis na folha de papel, os pensamentos são gravados e ressoam em mim como fôlego de vida. Essa produção, é vivência. Vontade. Potência.

Mas vivenciar é também experimentar pensamentos nômades, produzir uma escrita das vísceras, elaborar conceitos grávidos de acontecimentos inseridos no universo da contaminação e não da cópia. (Lins, Daniel, 1999, p.8)

Ensaio sobre a experiência-estágio.

A pedalada das manhãs de segunda e sexta-feira tornou-se habitual. Algumas vezes em ritmo suave, vento no rosto, sentido contrário dos carros atravancados no trânsito. Outras, acelerado, sem ter tido tempo nem de tomar café. Independente do modo, a pedalada havia se tornado parte do processo de despertar de fato. Pedalando de manhã cedo, dois dias da semana, percorrendo o mesmo caminho, a "mina" de cabelo verde, rosto cheio de piercings, tatuada, vestindo roupas modificadas com pedaços de tecido costurados à mão, todo dia com a mesma pochete de estética nada convencional, rumo à Escola. Vislumbrando em um futuro não muito distante, o papel de professora. Vivenciando no presente, potentes experiências em sala de aula, como estagiária.

Quando paro para lembrar o que se passou nestes meses, nestas últimas semanas, com as duas turmas que me envolvi, a palavra que se revela representando o que foi para mim essa experiência, é Arrepio. Conhecer, conviver, propor, produzir, trocar. Fruir daquele tempo que nos era disposto de maneira fértil. O projeto se desenvolvendo a partir da proposta trazida por mim, atrelada à apropriação e desfrute dos alunos. O 6º ano era tão marcante, desde o início, agitados e bagunceiros, subiam as escadas e atravessavam a porta da sala de aula correndo. Demorava um tempinho para fazer aquela "molecada" se acalmar e me escutar. Não demorou muito para ganharem um nome que fizesse jus ao perfil do grupo, Turma KAOS 61. Os alunos do 9º ano, desde as primeiras aulas, demonstraram-se tranquilos, participativos, parceiros. No decorrer das semanas, percebia cada vez mais eles se apropriarem das propostas que eu levava, e meu relacionamento com eles era nitidamente horizontal. Ir para a aula com a turma deles

era como ir encontrar amigos e produzir juntos, trocar idéias, conhecimento. Sentia como se eu fosse parte do grupo, rolava zoação, risadas e respeito durante os processos de criação. Escolher um nome para a turma deles foi mais demorado e pensado, não surgiu repentinamente como o da outra.

Última semana de aula na escola, muita correria para a montagem da exposição. Produções das duas turmas despertando enorme satisfação. Os lambes, quadros de stickers(adesivos), os zines. Tudo incrível. Foram produzidos 13 zines pelo 9º ano, 3 do projeto experimental, em grupo, e 10 do projeto individual. Foram tiradas 15 cópias de cada, ou seja, 195 zines publicados. Apresentando uma diversidade admirável de temáticas. O engajamento deles no processo de produção dos materiais e o apoio na montagem da Feira/Exposição de Arte Impressa Cultura de Rua, fez eclodir o nome, Turma ATITUDE 91. Difícil escrever sobre o estágio agora, sem expor o sentimento de prazer de ter tido a oportunidade de conhecê-los. Conhecer um pouco de cada aluno, das funcionárias da escola que me apoiaram. Tive total amparo dos membros da escola para o desenvolvimento do meu projeto. Na tiragem das cópias dos zines, permitindo que eu me apropriasse de algumas mesas, modificando-as com spray e stencil, da mesa de ping pong, que virou mural com a pixação "A arte é uma arma, carregada de futuro". Tive parceria até para desmontar um armário velho. Retiramos a parte de trás, que serviu como um compensado para a colagem dos lambes. A professora regente da turma, minha amiga, foi peça importante, me deixando completamente à vontade para pôr em prática meu planejamento. Ela me entregou de fato as turmas, e eu abracei com total dedicação. Também me senti abraçada por todos os alunos, pela escola, o que também foi um grande estímulo.

Os momentos de pavor e insegurança também estiveram presentes durante esse percurso, não foi essa maravilha desde o início. As duas primeiras aulas com o 6º ano foram terríveis, exaustivas, frustrantes, quis sair correndo, o tempo não passava. No entanto, esse terror não durou muito tempo, logo consegui recuperar o fôlego, parar de levar tanto para o lado pessoal as dificuldades e seguir. A minha relação com eles foi se desenvolvendo, fui os conhecendo melhor e eles a mim. Encontrando formas de fazer acontecer da melhor maneira, entendendo que cada turma é diferente da outra, cada indivíduo que compõe aquela turma, é de um jeito diferente. Existem dias que os alunos estão mais dispostos, outros não, assim como eu. Algumas aulas vão parecer perfeitas, como planejado, outras nem tanto. Há aulas "caóticas" onde as atividades são realizadas, assim como pode haver uma aula com a mais plena "ordem", onde nada de produtivo esteja se desenvolvendo.

Ser professora não é tarefa fácil, precisa ser forte, persistente, ter autonomia, gana. É fazer parte da construção de conhecimentos de outros indivíduos, é estar aberto para viver situações de ensino/aprendizagem, trazendo propostas, mediando e aprendendo com os alunos. A relação aluno/professor como um intercâmbio de saberes, estando ciente de que a figura da professora é muitas vezes vista como referência para os alunos. Aprendi durante a minha performance no estágio que podemos criar uma relação de afeto e parceria com os alunos, valorizando cada individualidade, assim tentando promover aulas embasadas em relações mais horizontais e saudáveis. Não consigo escrever sobre o estágio sem ser extremamente sentimental, pois foi para mim, muito intenso. Criei laços com alguns alunos que já estão me causando um aperto em pensar que esta sexta-feira não vamos fazer aula. Resolvi me referir desta forma, "não vamos fazer aula" ao invés de "não vou dar aula", ou

"não vamos ter aula" por algo que me ocorreu agora. Parece mais coerente, partindo da idéia de que a aula não está pronta e absoluta, eu não chego e "dou" ela. Eu planejo, levo a proposta para os alunos, eles recebem, e é aí que a aula se forma de fato, ela acontece. A aula é construída por todos, professora e alunos. Fico então com o "não vamos fazer aula", e já sinto falta.

A minha conduta como estagiária foi do modo que eu esperava e pelo retorno que recebi, não desapontou os alunos, nem a escola. Confesso ter a certeza de que eu me portei com melhor desenvoltura na minha atuação dentro da escola, do que nas nossas aulas do estágio. Nas últimas semanas me vi completamente entregue as práticas que envolviam as turmas KAOS 61 E ATITUDE 91. Não passava um dia em que eu não estava organizando algo para as aulas, indo atrás de algum material, pensando ou contando situações vividas com eles. Minha maior dificuldade foi em passar para o papel tudo que eu estava passando neste período. Demorei bastante para conseguir engrenar e colocar tudo que me parecia importante dentro do solicitado diário. Estou certa de que deixei muitas coisas de fora, era tão latente que eu não encontrava a melhor forma de transpor tudo para o papel, nada parecia suficiente, era mais fácil falar sobre. No final acabei me afeiçoando pela forma que o diário tomou, e neste momento sinto falta de tê-lo comigo para dar uma olhada e mostrar para algumas pessoas. Sorte a minha que fiz alguns registros fotográficos, dos processos de criação dos projetos das turmas, dos eventos de encerramento.

Turma KAOS 61, os nomes mais chamados, Krygor, Tauã. Os mais tranquilos e colaborativos, Evellyn, Andrey, Dhiordan, Gabriel, Luana, Luca, Nathália. Os nem tão tranquilos, mas queridos, Augusto, Laura, Thais, Karla, Guilherme, Jones, Bruno, Leonardo, Thiago. Alunos novos que entraram no final das aulas, Davi, Jefferson, Vitória. Aluno que chegou ao

desenrolar das aulas, menino-problema, fã do Mc PP da VS, vindo de uma realidade extremamente difícil, para uma nova escola e acabar encontrando total afinidade comigo, Dilson. "Tá na mão sorinha", "É nós tá ligado", "Não viaja". Aperto eu senti no momento de me despedir dele. Abraço apertado. Desconfio que talvez, ele nunca tenha recebido um abraço daqueles antes. Assim como pareceu nunca ter ganhado um presente, no dia em que dei para ele um pacote "Faça você mesmo seu patch" com tinta de tecido, pincel e retalhos. Lembro do rosto dele quando depois do abraço, eu disse "Da hora te conhecer mano, foi um prazer, vou sentir saudade". Ele tinha que saber o quanto foi especial para mim conhecê-lo. Foi conexão, afinidade mútua.

Turma ATITUDE 91, as meninas um tanto preguiçosas, mas queridas e colaborativas, Jaque e Emily. Os meninos "firmeza", engajados, criativos, críticos, meus parceiros, Yuri, Mengue, Costa, Guilherme, Leews, Leonardo, Barreda. Já sinto falta do clima de zoação, apreço, respeito, ótimas conversas com esses queridos. O tempo passado com todos eles só desenvolveu a minha vontade de ser professora. Mesmo a turma da bagunça, o 6º ano. Como eu coloquei no meu diário "Eles são umas sarnas, mas vale a pena se coçar". Acredito que não teria como eu ter experiência melhor que essa, foi motivadora. Lembrei agora o comentário que ouvi de uma conversa do Guilherme com o Costa no dia da exposição "Vai dizer, se todos os professores fossem iguais à Keô e a professora de geografia, eu viria bem feliz pra aula". Sem dúvida estava ali, naquela fala, o mais importante, ter o reconhecimento e estima dos alunos, porque afinal de contas, é por eles que estou percorrendo este caminho.

Isto não é um diário.

Diário como construção estética que conta as impressões/lembranças do período de intervenção -estágio- na escola. Narrativa a partir da lembrança do que foi vivido. O meu diário, não é um diário. Não foi escrito diariamente após cada acontecimento. Foi elaborado ao final, últimos momentos do período de atuação no ambiente escolar, a partir da junção de anotações, experiências resgatadas da memória, registros de imagens do que se -nos- passou, revisitadas e selecionadas. Assim, promovendo a criação de um "cadernozine", através do processo de construção de uma cartografia afetiva da memória. Narrativa textual/visual, elaborada pelo arranjo e composição das lembranças da experiência educativa.

Interessante pensar a criação de uma narrativa não ser nunca uma ação totalmente solitária por mais que possa parecer. No ato da escrita, desenho, arranjos de imagens em uma produção estética, a forma que for, estamos sempre voltados à um outro, narrando, inventando, contando algo. Mesmo que a produção não seja palpada por outras mãos que não a de quem escreve, a criação de uma narrativa envolve sempre um diálogo com um outro alguém, nem que esse outro habite a própria pessoa que narra. Mapeando as situações vividas e transpondo para o papel, em um contexto de encontro, produzimos uma narrativa textual/visual.

[...] como um lugar de intercâmbio, onde as pessoas, ao narrar, vão "travando uma conversa" consigo e com os virtuais destinatários do relato" (ZABALZA, 2004, p. 49, grifo do autor). É um espaço de encontro, com o "eu que narra", com o "eu que é narrado", com "os envolvidos na narrativa" e com "aqueles a quem foi endereçada a narrativa". (CARDONETTI, Vivien Kelling, OLIVEIRA, Marilda Oliveira, 2015, p.57)

O desenvolvimento de um diário foi solicitado para a cadeira de Estágio, tarefa que para mim não foi fácil engolir no decorrer do semestre. A começar pelo simples fato de que eu TINHA que fazer um diário, e não QUERIA fazê-lo. A palavra em si, "diário", ela sozinha a mim soava a algo tedioso ou bobo. Talvez por remeter a algo que se faz diariamente, algo relacionado a adolescência, não sei. Relatos eu já havia feito bastante durante o meu percurso de atuação no PIBID e tampouco era algo que me despertasse alguma empolgação, mas um diário...? Engoli a idéia, afinal fazia parte da proposta, mas não foi de fácil digestão. Em casa, encontrei um caderno pequeno e o elegi para ser o corpo do tal diário. Iniciei cortando um buraco no centro da primeira página em branco, na segunda, a imagem de um coquetel molotov colada, revelada e emoldurada pelo buraco/abertura da primeira. Virando a página, logo a baixo do artefato explosivo, lê-se "Por uma educação que nos ajude a pensar e não que nos ensine a obedecer." Acessei anotações das experiências/aulas vividas, revisitei momentos através da lembrança e fotografias. Mapeando os momentos vividos, acontecidos, movidos, no ato da escrita, recorte, colagem. Imagem, texto, cor. Cartografia afetiva da experiência/estágio toma forma.

ARREPIO

Aorta

REPLIC



Fotografia do não-diário original.

estagiária

KATIA

Experiências como professora.

A interrelação entre um tema-problema da aula com outros campos de



vivências escolares

através do PIBID

Primeira turma. Um 1º ano! Coisa Linda.



Filme/ animação Kirinôu e os animais selvagens.

Troca de ideia...



RESISTÊNCIA Negra ~

Confeção de bonecas Abayomi, contação de história sobre sua origem e seu significado nos dias de hoje...

Tantas possibilidades no espaço escolar...



conhecimento que é
vivido

ARTE DA RUA

DENTRO



expandindo
aproximando
transformando



INTERVENÇÃO
no cotidiano escolar

CRIANÇAS
verdade
motivação
experiências
afeto troca
energia
potencial

Há diferentes formas
de aprender o que
queremos ensinar;

A ideia da aula começa a tomar corpo em casa, na organização dos materiais necessários, no planejamento de como expor a proposta para a turma. Cortar as tiras de tecido, as peças de pano, fazer cartazes, selecionar trilha sonora...

Bonecas abayomi

Estiveram na minha 1ª experiência como professora e renderam mais 3 aulas/oficinas.

Uma na mesma escola, para outras duas turmas, outra em um evento de uma companhia de teatro e outra na FATED para uma turma da Pedagogia.



o desejo, o conceito, o pensamento, o significado...



D
I
V
E
R
S
I
D
A
D
E

AFINIDADE
Quando uma aula "dá certo"...
Os alunos se envolvem...
O tema disparador apareceu na apresentação visual da aula, na trilha sonora, na história contada, nas bonecas confeccionadas.

ferramentas –práticas e
conceituais – que nos permitem
construir aula após aula a compreensão
do tema;

Apropriar-se
do espaço
físico.

OCUPAR



Coletividade

TRANSFORMANDO A NOSSA sala
de
aula.



IDEIA
MOTIVAÇÃO
PINCEL
TINTA

Sala menos branca,
menos Fria...

Relações, Vivências, Afetividade

Na escola,
o que se "cria/aprende
fora do "momento" aula?

→ Brincando de estúdio de tatuagem...
No recreio 3 alunas viraram
tatuadoras e eu (professora)
a cliente do estúdio. Melhor girafa!



Estágio II

aberturas a partir dos projetos **Artes Visuais**

O tema como disparador;

CONTRACULTURA ZINE

• Arte
Impressa

• Mídia
alternativa

• D.I.Y
(do it yourself)
Faça você
mesmo



• cultura de
massa/grande
mídia x
cultura
marginal/
mídias indepen-
dentes

• arte de
rua

• Patches
x
Marcas

Produção e Prática Pedagógica • modos visuais

experiências anteriores temáticas

experiências paralelas (DE VIDA)

docência?

PARA QUEM SERIA a escola?

projeto de ensino
pensar as aulas como reflexão
do contexto vivido. Instigar

pensar
desejar
imagens
Questões
problematizações
discussões

instrumento
de atuação
dos próprios
estudantes

intervindo
território que está ajudando o estágio
intervindo

PROVOCAR
ESTÍMULO

curiosidade

aula
situação
momento
experiência

...como conquistar atenção?...

AMBIENTE FALA conversa
FORMA VISUAL troca
SOM MATERIAL respeito
TEMÁTICA falar
PACIÊNCIA... * escutar
trocar

RECEBER
DE



Projeto...

Da ideia aula
para a prática

...
Ir atrás
dos
materiais
necessários...

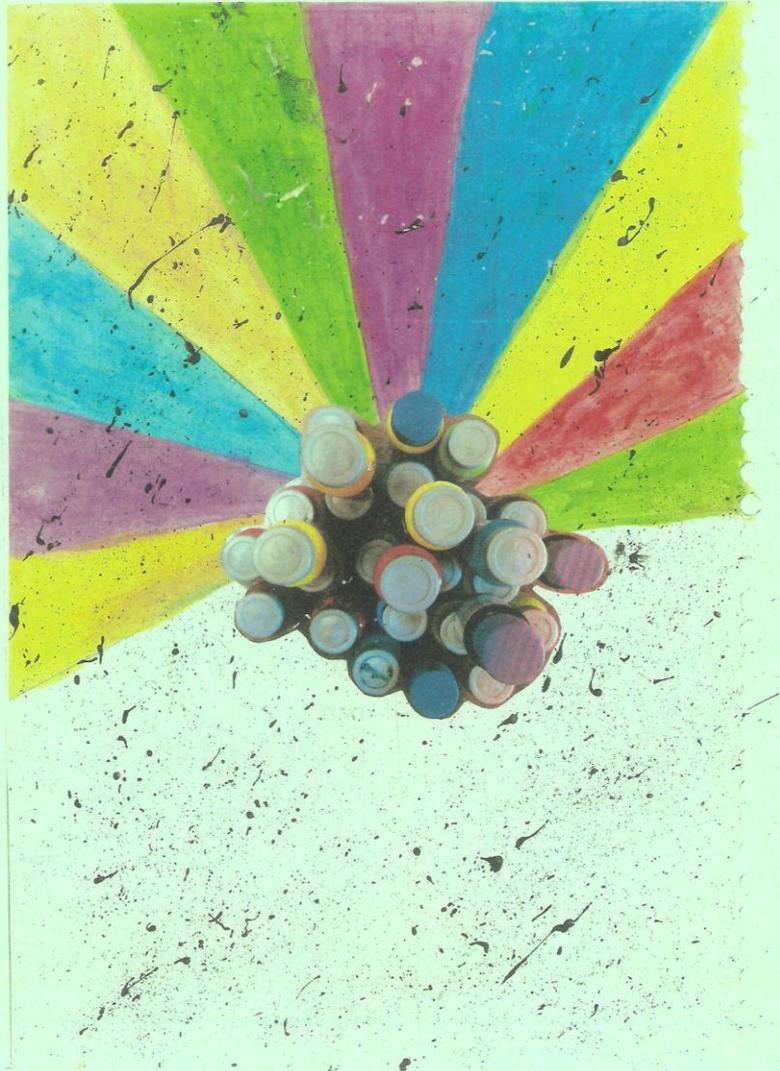
Fera da city,
num role per
Floripa...

Fui num
corre com um
mano, buscar uns
materiais e voltar com

força de rolos de adesivos.
O cara ficou me empolgado
em saber que seriam usados
em atividades de aulas...

**RECIBO
DE
DIA.**

Falei pra eu ir sempre que
quiser e selecionar os
materiais:.....



PLANEJAMENTO TEMPO ORGANIZAÇÃO DEDICAÇÃO



→ preparei pedaços de pano pra facilitar a limpeza do pincel na hora de usar outra cor de tinta.



- tinta de tecido
- pincéis

comteria no centro em busca de pincéis com preser acessível. kit com 6, 3 pila. R\$ sim ...



A minha sensação no momento é que tava dando tudo errado. Muita agitação, zoeira, quase impossível fazer com que me escutassem. Na hora de ouvir os colegas então, péssimo.

Olhava no relógio e a hora não passava...

2 perreões!

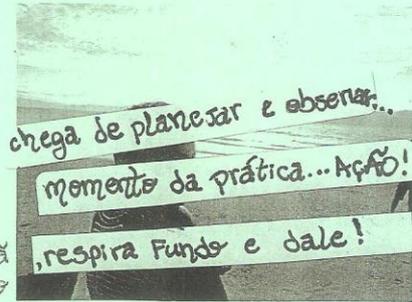
Sair dali angustiada, apavorada,
SUGADA.



22/09

Sexta

algumas professoras ainda em greve, início nesta manhã com o horário adaptado. 2 períodos com a turma 61, 2 períodos



com a turma 91.

1ª experiência com o 6º ano.

Turma maior e agitada.

Ficamos na sala de história, pois a de artes estava ocupada com outra turma.

Primeira atitude, mudar a disposição das classes. De fileiras para grande círculo. Optei por não iniciar o projeto nesse primeiro momento.

Fiz um questionário do tipo: Se eu fosse um(a) _____ eu seria _____.

A ideia era que copiassem o questionário, respondessem e depois cada um compartilhasse comigo e com os colegas suas escolhas.

umas dez questões, entre elas, artista, profissão, lugar, planta, peça de roupa, música.....

Eles chamam bastante. "Sera, sera, sera"
"ô Kee, Kee"

Foi bagunçado, agitado...

Mas consegui lidar melhor com a situação,
eu estava levando muito pro lado pessoal,
desta vez me esforcei pra não fazer
isso... Fui mais firme, foi melhor.

Um aluno não fez
nada. No final, desenhou
apenas o que odiava
na escola.

MATEMÁTICA



TURMA 91, 2 períodos, mesmo questionário.

Na sala de artes, a professora também participou (eu e a professora "oficial").

Turma pequena, galera bem de boas.

Todos participaram, ouviram os outros na hora de compartilhar. Foi tranquilo e divertido.

! COM ESSA TURMA INICIO O PROJETO NA PRÓXIMA AULA. !

● 25/09 - Segunda. } 2 períodos com a 61
 } 2 períodos com a 91

ambos na biblioteca, pois a professora estava com outra turma na sala de artes.

TURMA 61 - NÃO ME SENTI SEGURA PARA INICIAR O PROJETO.

Mais uma atividade para conhecer/sentir a

DESENHAR — turma. → 3 coisas



gesta

não gesta

> na estrutura física escolar



gesta

não gesta

> no cotidiano escolar

A maioria achou muita coisa pra desenhar.

Convidei elxs para saírem de seus lugares e ir ver os zines. Uma menina pegou um zine com tema Feminista, sentou no chão da biblioteca, onde tem umas almofadas e começou a ler.

Mostrei pra eles algumas matrizes originais e as cópias, para entenderem o processo de confecção.

Texs demonstraram bastante interesse, olhando diversos zines. Apontei o fato dos assuntos serem diversos. Zine sobre anarquismo, Feminismo, capoeira, Panteras Negras, de poemas, entrevistas, de história em quadrinho, literatura de cordel...

"Ah, acho que a professora Janice já falou sobre esses Panteras Negras, mas a gente não prestou atenção"

Comentei como outros meios poderiam se apropriar dessa linguagem, o Rap, Funk, Arte de Rua.

TURMA 91

BOM DAR INÍCIO AO PROJETO!
Iniciei falando um pouco sobre o material exposto na mesa.

ZINES selecionados

Enquanto os alunos iam entrando, fui dispendo os zines em uma mesa grande.

ZINE é uma forma de mídia alternativa.

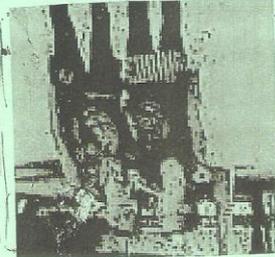
Feito a mão, através de recortes e colagem.

Dá a possibilidade de produzir e difundir

sua própria informação e não somente consumir tudo pronto, como estamos acostumados.

O zine é muito presente no movimento Punk, alrelado ao termo "DO IT YOURSELF (D.I.Y)"

FAÇA VAGÊ MAGM@ que envolve produzir seu próprio material de difusão de ideias, roupa, visual, música...



Durante a minha fala eles ficaram tão atentos e silenciosos que cheguei a ficar intimidada. Ainda mais em contraste com a turma anterior.



● 29/09 - Sexta. 1ª aula com eles na sala de artes.
TURMA 61



Cheguei um pouco antes e montei uma "feira" de patches.

Deixei os cartazes, fita e tesoura por perto, pois os usaria durante a minha fala.

Organizei as classes em 4 niches
E RESPIREI FUNDO. ps

Comecei falando um pouco sobre os "Patches" pra eles. Não conheciam, nunca tinham ouvido falar.

Mostrando alguns que estavam expostos, expliquei que eram pedaços de tecido, estampados através da técnica de serigrafia, stencil ou pintados a mão. Feitos para serem costurados na roupa. Em camisetas, calças, bonés, mochilas...

Convoquei eles para levantar e dar uma olhada nos patches.

Em seguida, colequei o primeiro cartaz na parede. Uma aluna começou a ler em voz alta espontaneamente.

Chegou um momento que estávamos quase todos sentados ao redor da mesa de zines, trocando ideia.

Falamos sobre música, Funk/rap/punk, sexismo, Feminismo, gênero/sexualidade, tatuagem...

Senti uma receptividade deles comigo e com o que eu levei para iniciar essas aulas que foi estimulante.

Sair dessa aula/experiência empolgada.

- quando lembro da próxima aula da semana, com a turma 61, a tensão aparece...

Durante a semana, a professora me avisou que todos professorxs deixaram a greve, com isso o horário volta ao normal. Sexta, aula somente com a 61, 1 período.

Dale iniciar o projeto! Patches selados, cartazes confeccionados.

Coloquei o segundo, o terceiro com as imagens das marcas e último. Ao mesmo tempo que eu colava, falava sobre o que estava sendo colocado em questão.

• Elas gostaram bastante da estética dos cartões •

Pedi para que cada grupo conversasse sobre as questões que foram expostas e anotassem em uma folha.

A ideia inicial era que as opiniões surgissem soltas, mas pelo perfil da turma optei por formar grupos e pedir algo escrito. Achei que seria melhor e mais organizado para depois ser compartilhado com todos as ideias.

Observando as pessoas na rua, na escola...
Percebemos alguns símbolos/marcas que aparecem com mais frequência...

Nas camisetas, bonês, tênis...
Porque será que tanta gente resolve carregar essas marcas em seus corpos?
Será que elas pensam sobre isso?

Roupa/marcas x Roupa/PATRONES

- pessoas/ambulant
- consumo
- mídia
- pessoas/praxões ambulantes
- significado pessoal
- ideias/sentimentos

Logos: adidas, HOLLISTER, MORMON, VANS, DEWALT, LACOSTE, NIKE, RIN CUNI, MEXLEY

● 02/10 - Segunda - 91 - ZINE EXPERIMENTAL
2 períodos

Pedi que formassem trios e expliquei a brincadeira que seria o texto disparador para a confecção do zine.

O primeiro membro do grupo deveria escrever uma frase, algum pensamento que viesse na cabeça naquele momento em um folha.

Logo, dobrar a folha para que cubrisse a frase. Abaixo da dobra o segundo integrante repete a ação, depois o terceiro, volta para o primeiro... E assim até ter um número bom de frases (mínimo 3 por pessoa).

Isso feito, lemos os textos que surgiram da conexão dos pensamentos.

TEXTOS MUITO DA HORA!

Hora de começar a seleção de imagens para a montagem do zine.

● 04/10 - Quarta. Pedi 1 período a os resultados. Veio o que deu mas com a 91, pois percebi que eo que não deu certo de acordo com a percepção de os projetos levariam bem mais cada um deles e a minha tempo do que eu havia planejado.

61 - 1 período. Iniciamos com a troca de ideia sobre as questões trazidas na aula passada.

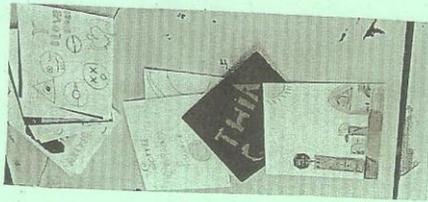
A maioria criticou o uso de roupas de marca. Falamos sobre utilizar roupas de marca apenas por "status", por falta de opção sem nem se importar de fato (quando se ganha roupas que carregam o símbolo e nem são legítimas). Situação essa de um dos meninos, que falava achar ridículo as pessoas "se acharem" usando essas roupas, enquanto vestia um moleton com o símbolo da Nike. Outro colega intimou ele por isso, ~~que~~ que de fato era um bom questionamento, mas não da forma com que ele colocou. O menino mora em um abrigo e havia ganhado a roupa, nem se importa com o símbolo que ela carrega.

Trouxe de novo a ideia dos "Patches".

Como alternativa, possibilidade de você mesmo criar a estampa/símbolo/frase que vai carregar em sua roupa, podendo ser ~~algo~~ algo que de fato represente a personalidade de quem usa.

• ELES REPARARAM QUE QUASE TODAS ROUPAS
QUE EU USO TEM UM PATCH COSTURADO.

MOMENTO DE FAZER O ESBOÇO
DO SEU PATCH!



meu "medo" em
relação a essa
turma, já passou.

● 06/10 - Sexta - Cheguei na escola, pronta pra dar aula, com material certinho na mochila... Quando abri a porta, me deparei com dois "gambês" vestindo suas fardas, em pé, diante das crianças sentadas no chão assistindo um tipo de "palestra".

Pensei "Que porra é essa?", entrei, sentei bem no fundo com alguns alunos.

Já que eu tinha ido até lá, resolvi ver o que aquelas policias estavam fazendo...

Tava tão ridículo, que nem vou perder muito tempo escrevendo aqui.

- Se uma coisa, como eu queria ser aluna naquele momento... Eu fazia ótimas coleções e teria lindas perguntas para eles dois...

● 09/10 - Segunda ●

BÓRA INICIAR
OS PROJETOS
INDIVIDUAIS!

Eles conversam e se duas alunas mais preguiçosas se envolvam tanto quanto os outros.



Enquanto eles elaboravam o projeto, selecionavam imagens de revistas, escreviam...

Tive a ideia de dar um envelope plástico para cada um, assim, podiam guardar todo material criado/separado para continuar na próxima aula.

Que delícia de forma! Aula super fluida...

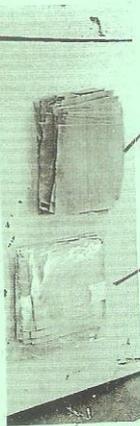
"COISA BOA O CLIMA DESSA SALA DE ARTES KEO, COM ESSE SOM PUNK ROLANDO DE FUNDO"

ir além da informação que é dada;

espaço de
diálogo,

VIVÊNCIA

61 - BORA PINTAR ESSAS Patches



→ retalhos para limpar pinceis.

→ tecidos para fazer os patches.



→ tintas de tecido.

→ muitos pinceis!

Organizados em grupos, receberam 5 pedinhos de tinta, um pincel para cada e seus esboços. Expliquei para todos que deveriam reproduzir o que tinham planejado no papel, agora com tinta, no tecido.

Eles se saíram muito bem, se envolveram e o retalho para limpar os pinceis deu



essa segunda, pedi para fazer uma sa do tipo da atividade, mais.

Novo! Eita...

Expliquei a proposta pra ele individualmente e me apresentei. Perguntei o nome dele, disse que não sabia (piada que ele já tinha feito com outra professora).

"FALA AÍ TEU NOME PRA ELA, ESSA PROFESSORA É LEGAL"

Logo na primeira pincelada já se indignou, desistiu, disse que queria outro "pans" daqueles.

DILSON, aluno novo...

Tentei convencer ele de tentar desenvolver no mesmo tecido, não rolou. Tive que dar outro e ficar junto, motivando.

SAIU UM PATCH! Do Mc PP da V5

(eu não conhecia, mas logo após a aula já busquei no youtube)

Ele ficou muito ansioso pra colocar na roupa, e que seria feito na próxima aula. Ele não queria esperar até lá.

Insistiu TANTO, que não resisti. Dei pra ele levar e pedi pra trazer na próxima aula, costurado na roupa. Ele prometeu que sim.



Artéria II



A Potência do Encontro.

Professor como figura exposta, sujeito sensível, aberto ao risco. Risco do afeto, do desconhecido, do inesperado, de possibilidades. Risco de ganhar e deixar marcas, tocar e ser tocado, fruir da essência de uma aula, momento de encontro entre um grupo de alunos e o professor. Despido de certezas e métodos concretos, tomado pela paixão de poder neste encontro, convidar os envolvidos a pensar/criar algo naquele tempo/espaco reservado. Convidá-los a se apropriar daquele momento, transformando a aula em um momento de encontro marcado pela turma e pelo professor, buscando se afastar do peso que carrega o caráter obrigatório de uma aula em uma escola.

O desafio talvez esteja em descansar o olhar em cada um dos encontros para que possamos nos colocar em posição de aprender com eles, deixando-nos inundar pelas ocorrências que não conhecemos, que nos causam temor, que nos desafiam a pensar diferente e que fazem tombar nossas certezas e dogmas. (Cardonetti, Vivien Kelling, Oliveira, Marilda Oliveira, 2015, p.55)

Vislumbrar esse professor exposto, aberto, sensível, apaixonado, também como sujeito da experiência e não sujeito da informação, que domina a posse do saber. A aula, encontro/aula, como experiência. Despertando no professor o tesão de correr o risco, a partir de suas propostas, percorrer caminhos desconhecidos, na busca de que, naquele momento disposto, não apenas aconteça algo, mas que algo aconteça nos corpos envolvidos e suas potências.

[...] a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem "pré-ver" nem "pré-dizer". (LAROSSA, 2002, p.28)

A aula/encontro/experiência não é um "encontro às cegas", é um encontro marcado, entre os alunos e o professor, e para que a experiência nos aconteça, existe um projeto de aula como disparador. O professor tem o papel de estimular aqueles outros corpos, trazendo propostas, ver entrar em ebulição a potência que há dentro de cada um. Tarefa difícil, mas não impossível, não para um sujeito da experiência. A aula/encontro como movimento, o professor atuando durante o percurso das experiências educacionais com um pensamento cartográfico, mapeando encontros, tecendo teias. Agindo como um catador daquilo que ainda pulsa, do que de vida emerge dos encontros. Procura o que fascina, deixa marcas, envolve, o que acende alguma fagulha, provoca, desperta. O professor exposto, sensível, apaixonado, é sincero e essa qualidade é evidente aos olhos dos alunos. Sendo facilitadora no desenvolvimento da relação professor/aluno, na criação de afinidade, parceria, indispensáveis para o melhor aproveitamento de todas as experiências.

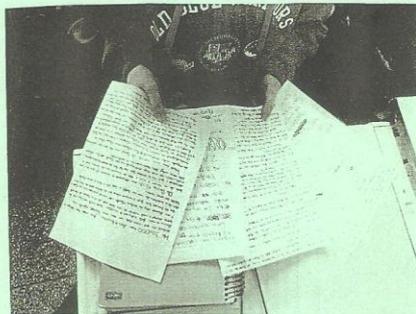
[...] A experiência não está do lado da ação, ou da prática, ou da técnica, mas do lado da paixão. Por isso a experiência é atenção, escuta, abertura, disponibilidade, sensibilidade, vulnerabilidade, ex/posição. (LAROSSA, 2011, p.22)

● 27/10 - Sexta • 2 períodos com a 91

Os projetos de ~~gr~~ individual estão indo muito bem. A diversidade de temas me surpreendeu.

- Ficção
- Astronomia
- RAP
- Amor/poemas
- Receitas
- Pensamentos

Um aluno tá escrevendo um livro! ♡
Alta história de destruição da terra,
ões humanos...



Eles trouxeram material de casa!

Pesquisaram...

Pensaram no projeto fora da escola!

ESSA TURMA É FODA.

Durante a aula conversamos sobre os próprios e projetos, sobre música, trocamos informações de grupos de RAP.

LEVEI UNS ANARCO RAP PRA ELES E CURTIRAM BASTANTE.

Me arrepiou algumas vezes nas aulas dessa turma... Motivador.

61 ATTACK! Os alunos da 61 chegam sempre correndo na sala, desde lá em baixo, n subindo as escadas.

Parece uma manada, é intenso! Haha

• essa pausa
tava atrapalhando
muito a fluidez
das aulas. No início
eles ^{se} demoram muito
pra acomodarem/acalmar,
com essa parada para o
lanche então... O tempo,
os 15 min praticamente
não tendiam. Até saírem
de modo lanche e voltar
pra outra aula...

Tenho o 3º período
com eles. Inicia 9:25,
9:55 eles descem para
o lanche, voltam pra
sala e ficam até 10:15.

Conversei com a diretora
e consegui ajustar o horário.
Ficamos na sala de
ARTES das 9:25 as 10h!
10h - Lanche... de lanche
direto pro RECREIO!

Ficou melhor pra
todas partes. Eu
& os alunos!
GRATISFELIZ!

Os momentos "trágicos" com essa turma foram só nas 2 primeiras aulas mesmo. Claro, continua difícil ter total atenção deles, bem tempo da aula é ocupado com a tentativa de ser ouvida. MAS NÃO POSSO QUERER COMPARAR COM A 61. SÃO OUTRAS PESSOAS, OUTRAS IDADES, UMA TURMA COM UM NÚMERO SEM MAIOR DE ALUNOS...

Várias vezes tenho que ser firme e dar uma "chamada" neles. Mas não como as outras (profs) sem gritos!

Em MEIO AO CAOS DA TURMA 61...
chega DILSON



REPRESENTANDO...
COM SEU PATCH DO MC
PP DA V&S COSTURADO
na camiseta.
mano! Como não
se emocionar?
Sem palavras.

Dale explicar pra todxs como se organizará a
aula desta manhã! • Em um nicho de classes,



tintas, pincéis e os alunxs
que gostariam de fazer
retoques/ajustes nos seus
patches.



• Nos outros,
quem vai costurar.
Cola de tecido,
linha e agulha
em mãos, au-
xilei cada um
a costurar.

Pensei que seria MUITA bagunça, mas foi bem de boas, eixs tavam
ansiosos pra costurar.

ENQUANTO EU FALAVA PRA TURMA TODA. (de meu jeito, com gírias)

Dilson "BÁ Ô SÓRA, DE QUAL FAVELA CÊ VEM?"

"OLHA COMO CÊ FALA, VEM DA FAVELA"

Ele tem total vocabulário de quebrada, senti afimidade...

ESSAS CRIA SÃO UMAS SARNAS!
mas olha, vale a pena se

Saindo da escola de visu novo!

DIY

OR

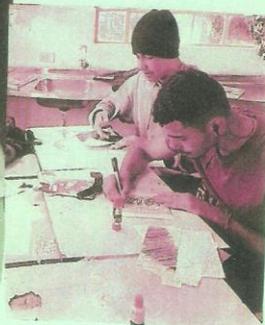
DIY!



coçar...
A professora Carol

colar na sala e se suspender vende
os patches sendo costurados.
Ela adora.

● 30/10 - segunda. 91 - PROJETO ZINE INDIVIDUAL
CONTINUA...



• TURMA KAOS 61 • Manhã destinada à costura dos patches de todos.



Essa aula foi BEM bagunçada.

Elxs não estavam com paciência de esperar a sua vez de costurar.



Todos um pé, gritaria, "trotinha" de brincadeira...
UM KAOS NÃO PRODUTIVO!

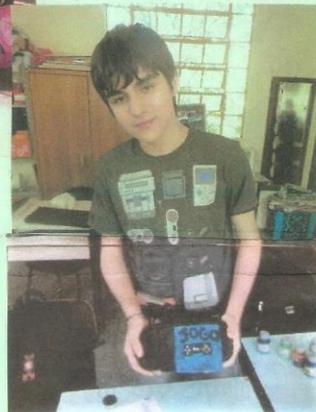
Tive que pedir apoio da Carol.

Ela arranjou outras agulhas e distribuiu...



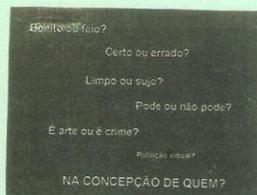
Carol
- "Elxs tem que tá fazendo algo, em atividade, não sabem esperar!!!"

AGITO TOTAL, MAS COSTURAMOS!

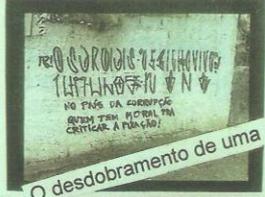


● 06/11 - Segunda • KAP5 61 - Seguimos o projeto do estágio!

Aula expositiva dialogada na sala de vídeo. Introdução à próxima proposta do projeto, tema Arte de Rua.



Fiquei um pouco preocupada, não sabia se a quantidade de slides que preparei era suficiente... A ideia era que cada imagem / frases estimulassem uma troca de ideia. Eu nunca tinha levado eles na sala de vídeo... 12 slides, vamos ver no que dá!



O MATERIAL PREPARADO DEU SUPER CERTO. Desde a primeira imagem já emergiram comentários.

Conversamos bastante sobre as questões levantadas no segundo slide e nas próprias pilações.

O desdobramento de uma aula para outra (conexões) A maior parte deles achava o pixo uma expressão artística válida e de atitude/protesto.

Um menino defendeu fielmente o fato de achar errado riscar as paredes "dos outros". Ele gostou do que estava escrito nos pixos, mas não concordava com a forma expressada. TODOS COMEÇARAM A "TIRAR" ELE.

Foi aí que me vi no papel de mediadora. Consegui trazer pra eles o fato de que não tinha uma opinião certa e uma errada.

Nós não precisamos concordar todos, somente ouvir, respeitar as ideias um dos outros.

As questões que eu trouxe eram para nos fazer refletir... Sem a intenção de sairmos dali com alguma resposta/verdade final.

LEVEI ALGUNS LAMBES E STENCILS pra mostrar...

TURMA 91 - Projeto ZINE INDIVIDUAL em andamento.

seleção, organização e interpretação

processo de elaboração

Esses projetos individuais
estão sendo

"Pro meu primeiro
zine tá indo bem
né hee?"



o Yuri é um mano bem massa.
Desde o zine experimental já tava
com o plano pro individual na mente!

A maioria
dos zines
estavam
em total
desenvolvi-
mento. 3 alunos

levaram
seu envelope
plástico com o zine em construção pra
casa algumas vezes, e sempre trouxe-
ram pra aula com algum material
a mais de casa!



TURMA FIRMEZA



Artéria III



O professor-pirata.

OS PIRATAS E CORSÁRIOS do século XVIII montaram uma "rede de informações" que se estendia sobre o globo. Mesmo sendo primitiva e voltada basicamente para negócios cruéis, a rede funcionava de forma admirável. Era formada por ilhas, esconderijos remotos onde os navios podiam ser abastecidos com água e comida, e os resultados das pilhagens eram trocados por artigos de luxo e de necessidade. Algumas dessas ilhas hospedavam "comunidades intencionais", mini-sociedades que conscientemente viviam fora da lei e estavam determinadas a continuar assim, ainda que por uma temporada curta, mas alegre (HAKIM BEY, TAZ-Zona autônoma temporária, p.11).

O professor-pirata vê a sala de aula como ilha, onde cada pirata pode abastecer seu navio(mente) com água e comida(situações/atividades/criações)provenientes do espaço/ilha, que somadas aos resultados(bagagem de cada navio)das pilhagens(vivências fora da ilha), transformam este período de passagem, em experiência, grávida de artigos de ~~luxo~~ e de necessidade(novos conhecimentos/saberes).

A necessidade de conhecimento é compulsiva, como a de liberdade e a de oxigênio (Roberto Freire).

Os alunos, assim como o professor, piratas. Ocupam a ilha, que se torna terra fértil para a experiência e novos saberes possíveis, através da troca/diálogo do que carregam (bagagem fruto de vivências anteriores) em cada navio(mente), e das situações criadas nos encontros/ocupações do espaço/ilha (sala de aula).

Abastecidos, retornam ao mar(vida), prontos para novas pilhagens (vivências fora da ilha).

Os "Negócios cruéis" para onde é voltado o objetivo das redes de

informações compostas por professores-piratas, em suas ilhas-salas-de-aula, podem ser entendidos como três princípios de um código de conduta destes bucaneiros do conhecimento:

1- Emancipar corpos

Temos desejos em nós, em nossos diversos corpos. Os nossos desejos são forças, que nos impulsionam em muitas direções. O desejo, no processo educacional, é potência, uma intensidade que se movimenta entre espaços cotidianos, fazendo com que essa força se transforma em ações, produzindo nossas escolhas, preferências, conceitos, opiniões, formas de viver e de estar no mundo. (FELDENS, Dinamara G.; SANTANA, Anthony F. T., 2012, p.55).

2- Coletivar vivências

Não se constitui educação pela unicidade. O processo de educar é coletivo e participativo, exige interação de saberes, criação e desconstrução de conceitos, descoberta de novas imagens e fixação de outras, possibilitando, no ato da produção de singularidades coletivas, o entendimento de conceitos primários necessários à preservação das relações: "Educação é encontro de singularidades". (GALLO, 2008, P.1)

3- Liberar zonas

Uma nova ação para a docência precisa ser pensada e constituída, uma nova escola em que o singular seja provocado a se manifestar e conseqüentemente de criem novas potências de saberes. Múltiplos e mutantes, novos elementos inusitados, uma escola e um professor que desfaçam, para criar em terra fértil. A terra do porvir, onde a prática docente passe pelo respeito às sensibilidades e intensidades da vida, da potência criadora e ilimitada que as aprendizagens nos lançam. (FELDENS, Dinamara G.; SANTANA, Anthony F. T., 2012, p.59).

O professor-mochileiro.

Um mochileiro é sem dúvida um sujeito da experiência. A viagem é deslocamento, percurso, abertura para o risco. O professor-mochileiro, sujeito caminhante, carrega sua bagagem e encontra-se em constante movimento na busca de novas vivências/situações/encontros. Andarilho, perambula por lugares as vezes desconhecidos, aberto a conhecer/aprender/ensinar junto à multiplicidade de sujeitos possíveis de se encontrar pelo caminho. Movido pelo desejo, pelo imprevisto, pela chance do encontro.

A sala de aula é um *hostel* na estrada da vida. O tempo que se passa dentro de um *hostel*, é viagem. O *hostel* é como um hotel, espaço de hospedagem temporária, com a diferenciação de ser composto predominantemente por quartos compartilhados, ter os preços das diárias mais acessíveis e visar a interação entre os hóspedes, disponibilizando outros ambientes de uso comunitário. Zona esta onde a proposta latente é o encontro com o outro, sustenta-se abastecida pelo fluxo de indivíduos e suas individualidades.

A viagem é movimento, a sala de aula/*hostel*, um dos lugares de passagem na trajetória da vida dos sujeitos. Na estrada-viagem-vida, passamos/criamos (por) espaços de potência com o simples ato de contato entre viajantes. Expostos, abertos, sensíveis. Sujeitos da experiência, abertos ao risco. Professor-aluno-mochileiro, transforma a sala de aula em *hostel*, lugar de convívio, intercâmbio de culturas, conhecimentos nômades, novos saberes.

Cigano é
pirata que
navega por
terra.
Nômade por
essência,
mochileiro
de uma vida
toda.
Professor-
cigano
transita e
habita
moradias
temporárias,
acampamento-
aulas.
Viajante,
livre.
Pirata e
mochileiro.

10/11 - KADÊ 61 - sexta

E não é
se que a galera
ideia? envolveu na

Formação dos coletivos de Arte de Rua. Foram formados cinco coletivos. A proposta consistiu em elaborar um projeto, onde deveria aparecer o nome do Coletivo, a arte que estamparia o corpo do Lambete e Adesivos, que seriam a forma de manifestação artística utilizada pelo grupo, podendo ser desenho, frase/palavra ou os dois.

Saindo uns projetos interessantes...

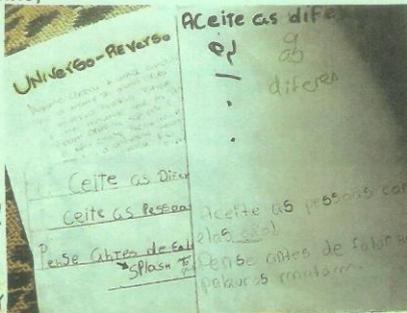
Tema disparador

REFLEXÃO
COLABORATIVO
PLANEJAMENTO/PROJETO
CRIAÇÃO

permite o processo

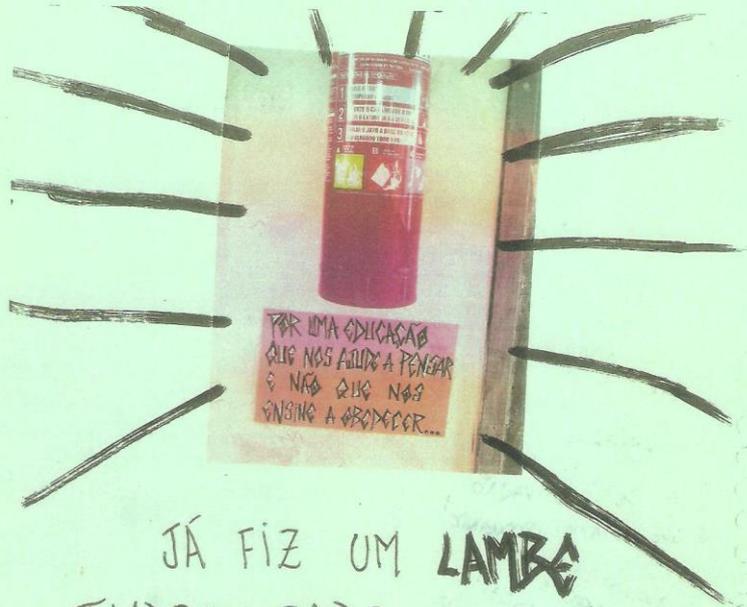
A IDEIA, MOTIVAÇÃO

QUE ESTAMOS PRODUCINDO?



Em algumas das situações em que tive que gastar um tempo da aula dando uma "intimada" nelas, falei sobre o fato de que as propostas que eu trazia pra elas, era pra que fossem apropriadas e desenvolvidas por cada um de uma forma que se apoiasse do que elas têm afinidade, que tivesse sentido. Cheguei a apelar e falar sobre avaliação!! Que eu não iria apenas ver quem me entregou o trabalho pronto e dar nota pelo produto final. Até zoei "Se fosse assim, eu ia mandar(mandar!) todos desenharem uma CEBOLA, todos me entregariam, e eu avaliaria e desenharia bonito e Feio de cebola, desenhos bem feitos/malfeitos. Haha Acharam me graça! Haha

RETOMEI A FRASE DE UM DOS PIXOS DA AULA PASSADA... →



PAR UMA EDUCAÇÃO
QUE NOS AJUDE A PENSAR
E NOS QUE NOS
ENSINE A PROTEGER...

JÁ FIZ UM **LAMBE**
IMPROVISADO E COLEI

NA PAREDE DA SALA ...

VAMO DALE

o que está sendo construído

sendo mobilizado nas aulas

;

;

;

● 13/11 - Segunda - Luciana vai colar na escola...

- o quanto aos 2 primeiros períodos com a 91, tá suave.
- o o 3º período com a 61, só na hora pra saber!

91 - A Emily tava no modo preguiça ainda no zine... Tava apenas recortando aleatoriamente receitas de revista e colando no corpo do zine. Lembre que tentei sugerir dela criar receitas ou usar receitas que ela tivesse em casa, mas não rolou.

Em uma das aulas ela comentou:

"Ai que saudade das aulas com o Sobral até me deu, era só colar aqueles adesivos e colar, não precisava pensar muito."

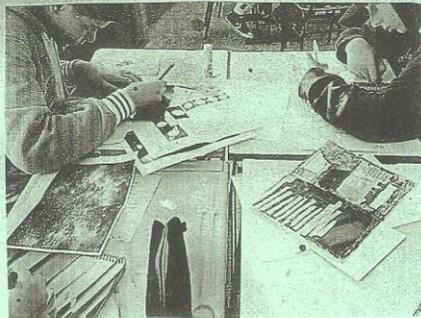
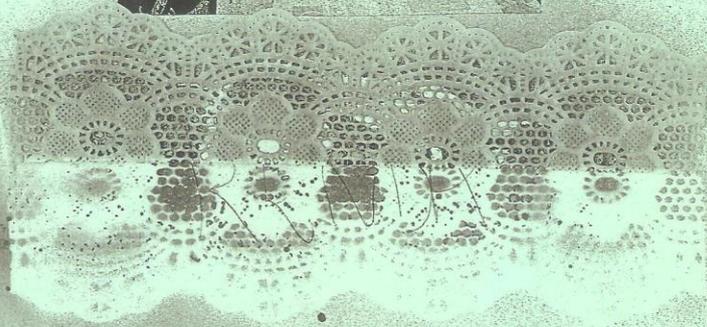
... é decepção...

Tive a ideia de levar um spray e uma tábua, pra ela usar como stencil.

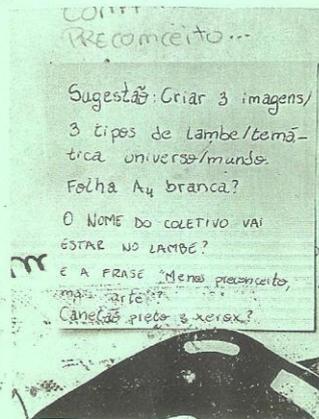
Testei em casa e ficou bom.

Um dia ela me disse que não queria desenhar, só pintar. Então levei pra ver se motivava ela.

Ela curtiu o role do stencil remda ~

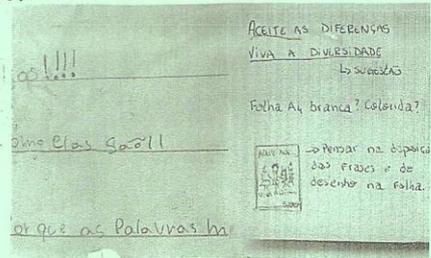


61 - Na noite anterior tive a ideia de colar um "Post-it" com questões que surgiram ao ler os projetos dos coletivos de arte de rua.

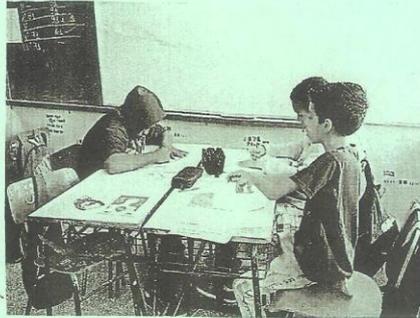


→ pra alguns levei também umas imagens de referência.

ELES TAVAM PRESTES A USAR AS IMAGENS PRONTAS, INTERROMPI E EXPLIQUEI QUE ERAM SÓ PRA DESPERTAR IDÉIAS, ATÉ PODIAM SE INSPIRAR NELAS AO DESENHAR, MAS A PROPOSTA É QUE DESENHASSEM SEU PRÓPRIO LAMBE.



EM MEIO AO CASO PRODUTIVO DA 61...



TRETA DILSON (PP da V5)

briga com a galera do coletivo.

Desagrega sua classe do grupo, e senta sozinho, no meio da sala, indignado.

Tentei conversar, ele não estava disposto.

Luciana sugere que eu deixe ele e dê uma folha. Ele ficou desenhando.

DEU RACHA NO COLETIVO!

● 17/11 - Sexta - 61
e táó saindo uns LAMBES!

atitude de negociação

Dilson optou
por fazer o
LAMBÊ
sozinho.

Ele tem
demonstrado me
curtir bastante.

Gosta que eu
esteja junto.

Resolveu fazer
o LAMBÊ
com parte
de uma
musica de ...



MC PP da VS

Ele tem dificuldade na hora de escrever, começou ouvindo a música no celular e passando pro papel, quando sentiu dificuldade de se lembrar me chamo quase desistindo e pedindo ajuda. Então ele escreveu me dizia a letra, e eu ia escrevendo.

● 2011 - Segunda - 91 - FINALIZANDO OS ZINES 1

TODO MUNDO
ANSIOSO
PRA VER
AS
CÓPIAS



KAOS 61 - FINALIZAÇÃO DAS LAMBES!

COLETIVO "UNIVERSO REVERSO"

COLETIVO "LOS PISTOLEIROS"

COLETIVO "DIVERSIDADE"

COLETIVO "Seja loko e meta e soko"

COLETIVO "MÃOS"

INDIVÍDUO "MC PP da VS"

↓
Lembrei agora, esse coletivo um ate demora pra engrenar. Foram mudando-meie punhe fechado. perguntei a ideia, estavam se um perde des. comentei que ss aquela frase parecia Sugerir que fizessm uns tres lambes, com essa frase e essa i magem, e somassem uma palavra pra complementar e dar sentido: "meta e soko" no que? O que existe e desagradável? prencei des? dei de exemplo.

PRONTO!

SEJA LOKO - MACHISMO
E META O - BULLYING
SOKO NO - TEMER

Tem como dar mais certo que isso?

● 27/11 - Segunda - 91

Aula
expositiva
dialogada na
sala de vídeo.
Introdução à
próxima
proposta do
projeto, tema
Arte de Rua.
Formação
dos coletivos
de Arte de
Rua. Projeto
Lambe.

Usei os mesmos slides que preparei pra
outra turma. Trecamos ideia, mostrei
uns lambes e stencils e fomos pra
sala de artes formar os coletivos.

Logo começaram a anotar/esboçar ideias...

É muito bom estar ali com eles,
ver as propostas sendo apropriadas,
as ideias surgindo...

KAOS
61-

Apresentação dos coletivos para os colegas. Cada
grupo falou um pouco sobre o processo de criação
dos lambes, da arte desenvolvida e a motivação.

● Bagunça, zoeira ●

ouvir os colegas certamente não
é o forte deles.

Haja paciência

VAMO
ARRIBA

04/12 - Sexta - KAOS 6.1 - VAMOS PRO PÁTIO

! SAIR UM POUCO DA SALA COM
ESSA MULECADA !

Aula no pátio da escola.
Período utilizado para
fotografar os
integrantes dos
coletivos de arte de rua
com as cópias dos
lambes em mãos.

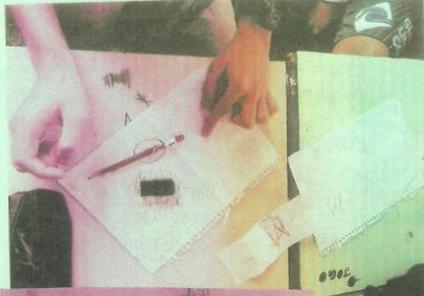


• É NÓS MC DILSON, TAMO JUNTO.



que "maninho-problema" esse! Posse adotar?

04/12 - Segunda - 81 - LAMBA COLETIVAS



Galera de dors coletivos super sacou a ideia de elaborar um projeto e depois partir pra criação de Lamba oficial. Da hora ps!



Só as meninas da "preguiça" que não -- Ficavam enrolando e faziam direto no final. Sem muita criatividade e envolvimento, mas beleza, nem sempre todos vão pillar...

→ Esse grupo pegou o jeito mesmo! Esboço da ideia do desenho e até palavras chave!!

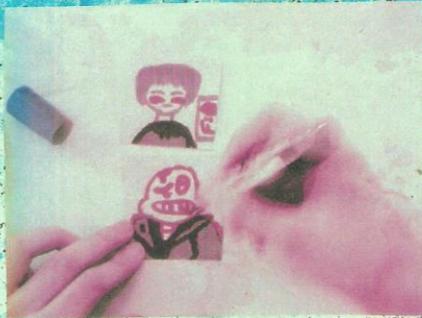
- PLANETA TERRA
- BOMBA
- MURO
- FRASE IMPACTANTE

Ideia inicial
TEMER ENFORCADO



KAOS 61 - Tô tentando conseguir um compensador pra colar os bambas, mas tá difícil.

- Bora usar um pouco dos restos de adesivos que recicla em Floripa.



RA É OFICIAL

TURMA KAOS 61

LISTA DE PRESENÇA

TURMA KAOS 61

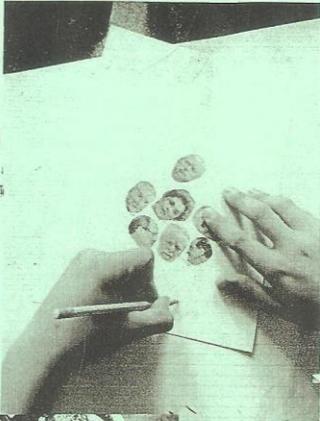
04/12/17

- Bruno
- Guilherme
- Zé
- Rhardon
- Laura
- Augusto
- Luca sans da Silva
- THIAGO
- Maria Andréia Ferreira
- EVELLYN MALE da MOTA
- Gabriel R.
- Luana Vicente
- VITÓRIA SCHWARZ
- Leonarde sagundes
- ANDREY PAOLO DA COSTA YIBEIRO
- Gabriel DA Silva Ramos (Mads Acimato*)
- DAVI DE OLIVEIRA TIMOTHEO
- DILSON
- THAIS



● 11/12 - Segunda - 91 - Finalização

Da ideia TEMER NA FORÇA,
TODOS políticos que encontraram
na revistas foram para dentro de
uma rede com teipeira em baixo.



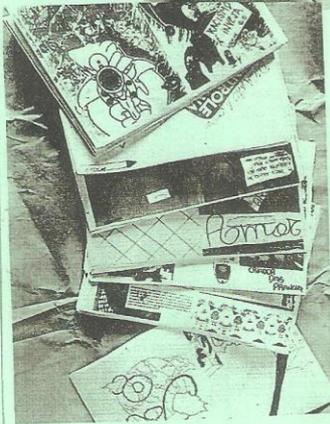
LAMBE.

É galera massa
essa, hein?

• Segundo veso
uns flertando
com o anarquismo

Usando a palavra

• • •



PASSEI ALGUMAS TARDES NA
ESCOLA ACOMPANHANDO AS
TIRAGENS DAS CÓPIAS DOS
ZINES. INDO LEVAR FOLHA
PORQUE TINHA ACABADO AS
NA ESCOLA. ACOMPANHAR AS
IMPRESSÕES DOS LAMBES DA 61.
OS ZINES FICARAM FODA!

Alguns já começaram a dobrar e
mentar os zines.

ERA O RESCAL - DA ESCOLA
FOI SUPER PARCEIRO. A
RITA SE EMPENHOU A
FAZER AS COPIAS. DAVA
ERADA, FARIA DE NOVO!

PEDIDO DE XEROX

Professor(a):
Turma:
Disciplina:
Nº de cópias:
Frente () Frente-verso()
Data:/...../.....

— USEI MUITO DISSO, HAHA

A correria é tão intensa nessa Finaleira, que quase esqueço de escrever aqui. Vai ter feira/exposição nessa sexta!

MARCAMOS NO MESMO DIA DA FESTA DE ENCEBERRAMENTO DOS PEQUENOS.

Professora Keô, turmas 61 e 91
CONVIDAM amigos e familiares
para prestigiar as produções
das turmas na
**FEIRA DE ARTE
IMPRESSA
CULTURA DE RIO**
Dia: 15/12 Hora: 18:30
Local: Escola Monte Libano

PRECISO DOS COMPENSADOS PRR
ANTES DE SEXTA!!!

KAOS — Sem compensado ainda. Não temes onde colar os zambes. Entreguei os cervizes da feira/exposição e deixei eles estudarem pra prova que teriam depois do meu período

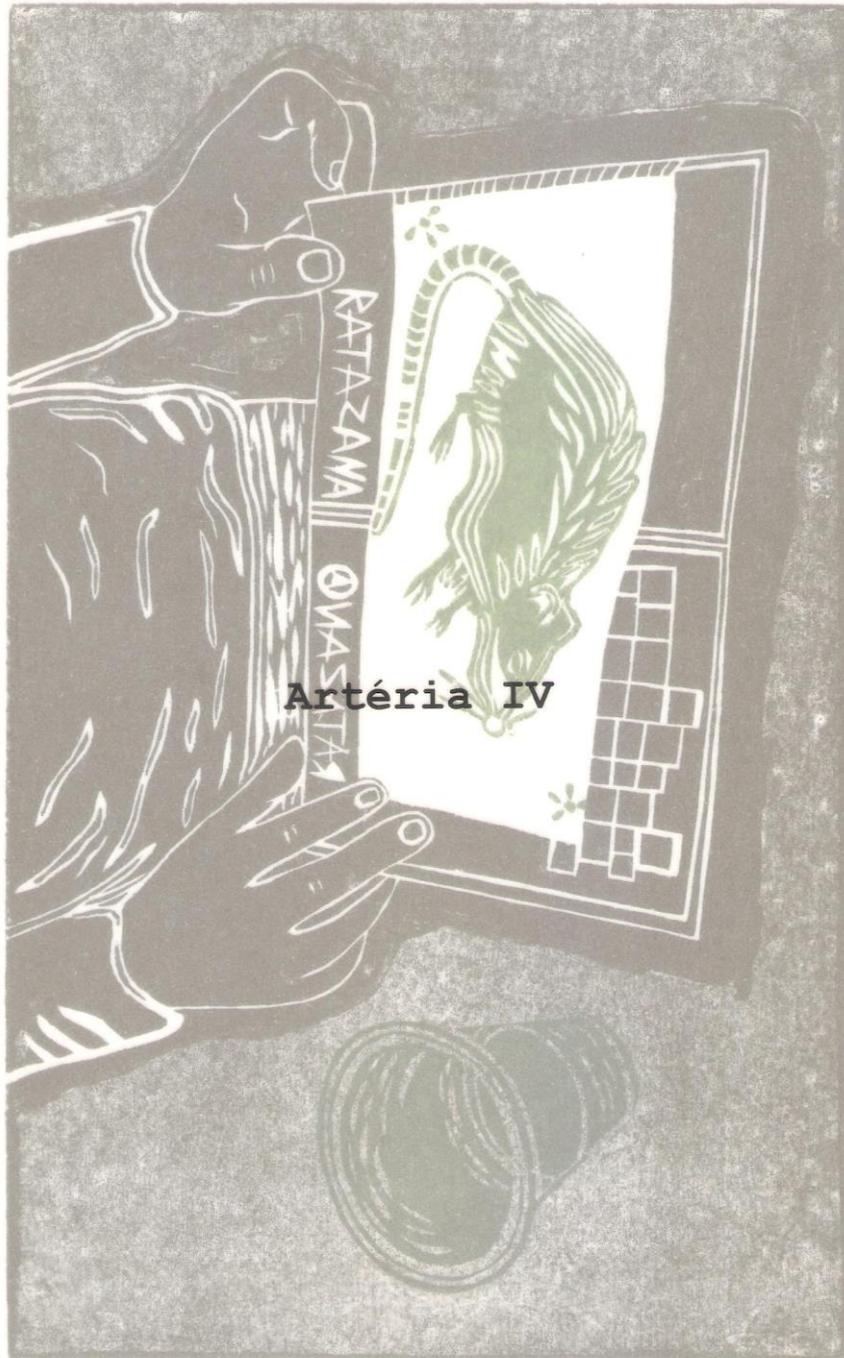
ALGUMAS VEZES
SEGUI O



EST
E
U
A
L
O
K
O

E
M
E
T
A
O
S
O
K
O

NO PROFESSOR PADRÃO



Artéria IV



Educação Profano-Pedagógica.

Prezo por uma educação que estimule intensidades, revele pluralidades, desvele potencialidades em/de um encontro/aula/experiência coletivo, grávido de singularidades.

A sala de aula como espaço de provocações. A educação não é algo reservado apenas para o ambiente escolar, as aprendizagens, produção/descoberta de conhecimento acontecem em espaços abertos ou fechados, acadêmicos ou não. Seja aonde for, há sempre um pavio do saber prestes a ser aceso, no bar, na rua, no mato, onde existe vida há conhecimento. A fagulha eclode das intensidades presentes no interior de cada corpo. Um ambiente pré-determinado, com a função de se entrar para especificamente "aprender", não pode ser visto como algo separado da vida em sua totalidade. Tampouco vejo como algo promissor entrar em um local para estudar/aprender sobre conteúdos distantes das vivências fora daquele espaço específico. O bar, a rua, o mato, a sala de aula, devem ser somados, misturados, chacoalhados, desnivelados. Rasgar as regras, profanar a relação ensino-aprendizagem, costurar conhecimentos, ocupar a sala de aula com os diferentes corpos e assim criar novos territórios possíveis.

Nos sobrevoos e escorregamentos dos traços, professor e aluno experimentam seus deslimites. As distribuições e lugares tornam-se polissêmicos, frutos de inesperados arranjos, de colagens e sobreposições esquizos, ao sabor de zonas de inidentificabilidade, de espaços onde o um se confunde com o outro, onde o ensinar "curtocircuita" com o aprender, onde o eu aprendo e o eu ensino confundem-se com o impessoal do isto acontece. Em outras palavras, alguma coisa se deu, operou-se um encontro, uma ruptura e abertura para estados inéditos de aula-acontecimento. (MUNHOZ, Angélica V.; COSTA, Luciano B., 2012, p.65)

Abandonar o distanciamento do que se aprende dentro da escola e o que se vive fora dela. Trazer o que está do lado de fora para dentro, levar o de dentro para fora, até chegar em um momento onde não enxergamos mais lados, dentro ou fora, tempo/espaço aula ou

tempo/espaço vida, pois estão devidamente em seus lugares, misturados, arrancados, colados, recortados, em uma mesma criação/montagem produzida em conjunto, pelo professor e alunos. A vivência na escola não é a parte da vida, pelo contrário, faz parte dela. A educação, dentro da sala de aula, como sinapses de vida.

15/12 - SEXTA - DIA DA EXPOSIÇÃO !!!

Na manhã de dia anterior fui na escola tentar resolver a falta do compensado. Cheguei a ir ver em lojas de material de construção mas tava caro... Achei que seria bem barato. Lembrei de uma sala da escola onde tem vários móveis pra descartar. Foi direto pra lá! Pensei em montar uma instalação com 3 armários com os lances colados, mas tavam muito pesados cupins, não aguentariam o transporte.

10:30!!! Tava arrastando pra um compromisso. Peguei a bike e fui. Tudo resolvido, era porca da escola, mas que calor infernal!

Problema! Fazer com uma das mesas que está na escola, caçambas e ferramentas e desmontar os armários. A parte de trás era um compensado perfeito. Peguei alguns materiais pra um compromisso. Peguei a bike e fui. Tudo resolvido, era porca da escola, mas que calor infernal!

A ARTE É UMA ARMA, CARRREGADA DE FUTURO...

→ Pedala de volta pra escola...
• Suada sinistristre.
Bota de lavar tudo amanhã!
Spreys e stencils em mãos, deixei a escola do jeito que eu queria.
A mesa de ping esticada na parede virou mural e ganhou um pixo para abri-la...
→

Agora sim, SEXTA!

→ ISSO NO 1º PERÍODO

Colagem das cópias dos Lambes criados em uma placa de madeira e montagem da Exposição/Feira de Arte Impressa Cultural de Rua, das turmas 91 e 61.

A partir do 2º foram todos passear na beira de Guariba.

Galera da 91 entrou por ficar e me ajudar na montagem da Exposição. Enquanto os da 61 ficaram encarregados de intervir com canetões/canetas nas placas de stickers da outra turma.



ME ARREPIEI NESSAS FUNÇÕES.

Galera que ra pro passeio tava com caixas de som tocando FUNK

tava um clima "quebrada" da hora!



DIVERS

Tem
professora
amarcopunk
na atividade!
Aceita!



A exposição
ficou muito da hora!

diversidade de lambes...
... das duas turmas
juntas...

FORÇA
X
ZINES!

Na expo de sexta a tarde só foram 5 alunos
no 5º ano. Eu já tava percebendo que não iam
muitos, principalmente os de 6º ano.



13 publicações!!!
15 cópias de cada uma!!!

Mesmo com esses poucos, foi MUITO foda.

Foram alguns familiares deles e alguns pais
dos pequenos da tarde. Tivemos que esconder
uns zines pra 2ª segunda!

Na segunda, dia 18/12, pela manhã, vai ter mais evento!
Professora Carol preparou uma homenagem ao Sobral
que trabalhou com ela e com as turmas 91 e 81 em
um projeto de mosaico (que está no muro da frente
da escola). Ele foi lá a ser curtiu a exposição, com fotos de fundo.
Teve presenças de fotos desse projeto, com fotos de fundo.
Eu também preparei uma seleção de fotos, com fotos de fundo.
registros das vivências em sala de aula.
Música de Fundo dos "Us Nequin q não c kala," foi forte!

Já que a 61 ganhou nome...
a 91 também tinha que ter...

TURMA KAOS 61 e

TURMA ATITUDE 91

AI SIM HEIN?

Teve rango! Vernissagem!

A galera da escola toda vendo as
presenças das fotos, depois rango
e zines!

Releu me interesse nas publicações,
não sobrou quase nada!

15/12
SÁB

/ Bike - suor - emoção - arrepie - afinidade -
relação horizontal - parceria - zoeira -
proximidade - satisfação - motivação -
ATTITUDE 91 em parceria com K&D ...

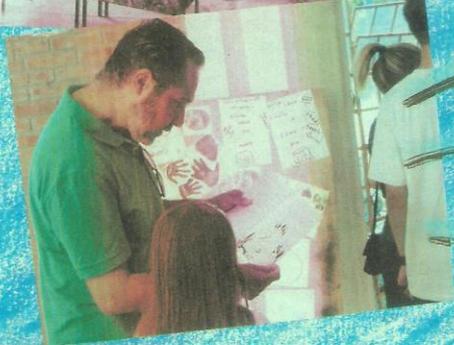


RUA
MARGINAL
NA ESCOLA

RESISTÊNCIA
DIÁRIA!
ARTE



CONTRACULTURA





Terminar o estágio é bom, rola um alívio... Mas peraê, não vem mais ver essas cria?

Abraço de tchau?

Nessa, que aperto!

Depois do abraço forte, veio correndo me chamando na saída da escola, com seus lambes de PP de 15 "Ai sãra, como que faz mesmo a cola pra eu cola essa parada?" Expliquei... "Tá na mão!"...

E os maiores que vão sair da escola? (Não tem zérau ali). Não posso nem colar lá ano que vem pra ver eles. Eita...



195 cópias das publicações independentes circulando sabe o que é isso?

Nessa manhã, Fiquei de cara quando me dei conta!

Professora Keê, turmas 61 e 91
CONVIDAM amigos e familiares
para prestigiar as produções
das turmas na
**FEIRA DE ARTE
IMPRESSA
CULTURA DE RIO**
Dia: 15/12 Hora: 18:30
Local: Escola Monte Líbano



É tanta coisa que acontece durante essa experiência/estágio, que vejo como sendo impossível trazer tudo pro papel. Um turbilhão de situações, diversidade de indivíduos. Bom seria ter mais tempo pra desenvolver melhor as relações com cada alunx. Mas reconheço que mesmo sendo a professora oficial, na correria do cotidiano escolar, atendendo várias turmas, desenvolver essas relações da forma como me parece ser ideal, não é tarefa simples. A sensação é que passou rápido, mas intensamente. Nas últimas semanas eu estava imersa nas correrias da montagem da exposição, nas experiências que passava cada manhã com a "gurizada". A palavra que acompanhou todo esse período foi, com certeza: Arrepio. Perdi as contas de quantas vezes me arrepiei de emoção em alguma situação lá dentro.

Ah! Lembrei agora de um momento que havia esquecido de trazer pra cá. Dei de presente pro Dilson um kit de "Do It Yourself, Patch-se". Continha uma tinta preta de tecido, um pincel, três pedaços de tecido. A cara dele quando dei o pacote já foi ótima, quando abriu e viu o que tinha dentro então...Inexplicável. Ar-re-pio.

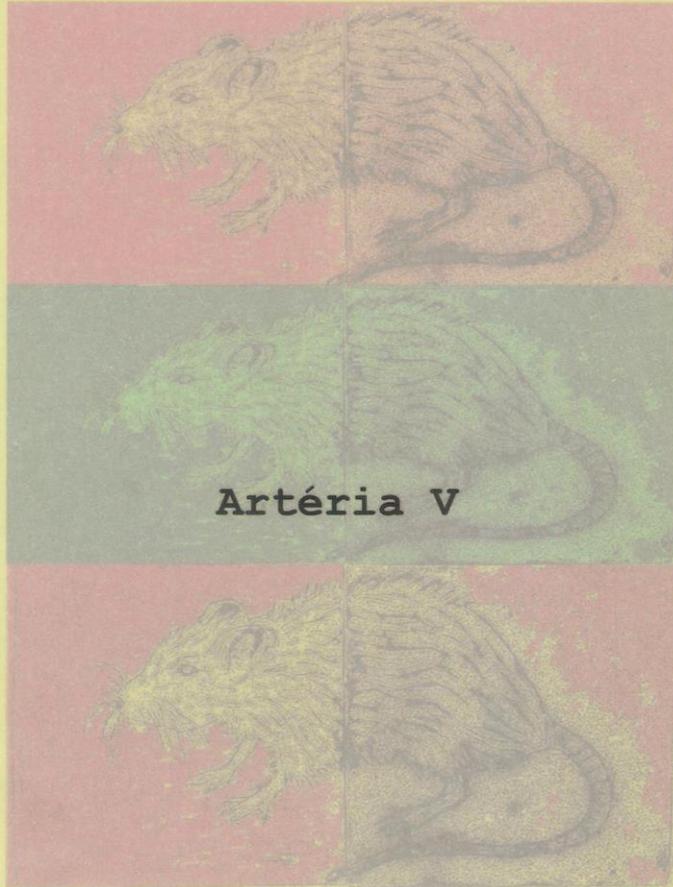
"Bá sôra, tu vai vê agora que eu vou fazer patch de três MC's!"

A história desse menino é bem complicada. Mãe viciada em pedra, padrasto traficante. Já apanhou horrores desse padrasto...Aí que o pai foi chamado e acabou ficando com ele. E esse pai não é muito firmeza não, pelo que se sabe...Na última escola, Dilson bateu na professora. Segundo a diretora, ele toma alguma medicação. Vai saber o que dão pra ele...

Sei que rolou uma conexão dele comigo e minha com ele, total. Hoje, na hora da despedida, eu disse que foi muito massa ter o conhecido, que sentiria saudade. A expressão dele foi forte, acho que nunca disseram algo do gênero pra ele, nem sei explicar. Só lembrar do abraço e da falta que já sinto.

Conversa de hoje, entre Guilherme e Costa, da turma ATITUDE 91:

"Se todos professores fossem que nem a Keô e a professora de geografia, a gente ia vim pra escola bem feliz".



Artéria V



RATAZANAR

Metodologia do descaso, desapareço pela ordem/organização linear.

Um manifesto metodológico

Inclinada para a fuga, idéias na teia, na rede mapeadas.

Escrita, inscrita, circunscrita.

Ratazanar como método de pesquisa é estratégia baseada no processo emanado. Expandida do corpo inflamado, dilatado, a plena fluidez.

Vaga, marginal, não-linear. Espasmos e contrações de pensamentos. Ra-ta-za-nar é caminhar pelo submundo das incertezas, concepções insensatamente convictas em estado líquido correndo dentro das veias. Traçar uma cartografia do pensamento, reflexão das experiências, grafismo de cicatrizes. Submergir e emergir do esgoto das vísceras do corpo-mente do sujeito-eu-agora.

A escrita é molhada.

Escrita-saliva.

Escrita-lágrima.

Estar imerso na não-pesquisa, busca sem objetivo de chegar ou encontrar algo, pois o sujeito tem apenas estar em movimento. Jorrar palavras que parecem sair pelas pontas dos dedos.

Escrita-sangue.

Escrita gozo.

Escrita-suor.

Ao Ratazanar, me senti algumas vezes zozzo, como se tivesse encharcado demasiadamente a folha de papel a ponto de ficar com o corpo desidratado.

Escrita-urina.

Metodologia da dor, do que corta, arrepia. Calafrio na nuca, desejo. Produzida a perda, desperta.

Escrita como seiva bruta dos desequilibrados.

Compulsivamente goza do caminho, percurso da poesia criada a partir do vivido, acontecido, movido. Estética, gráfica, literária. Profana, desagrada, vertente do corpo.

Escrita impulso, escrita em fluxo.

Escapa, desagua, vertente do corpo.

Dissimuladamente sem pretensão, ousa apenas existir. Manifestando-se em forma de livro, peso palpável. Apenas um mapa, texto, não-diário, corpo de uma experiência.

Desemboca na folha, desbocada, grávida, insensata.

Ratazanar é incomodar, provocar, roer, é pesquisa e não-pesquisa. Traçar percursos pelas margens, dutos, passar pelas frestas, entrar e sair de buracos. Ao modo Ratazanar

O eu-pesquisador, cartógrafo ator-doador.

de pesquisa deglutimo ator-doador durante o caminho das páginas roídas. Há paixão pela linguagem e o trabalho transgride a idéia de labuta. A escrita é pulsional e a pesquisa, fusão da linguagem durante o processo de movimento calcado no ato da leitura de outros sujeitos e a escrita parida, somado à bagagem de viagens anteriores.

ator-doador

ator-doador

ator-doador

Viagens escolares e não-escolares, acadêmicas e não-acadêmicas. Viagem literária, mas sempre viagem. Deslocamentos, aprendizagens, experiências.



RATAZANAR

Um manifesto metodológico

Ratazanar como método de pesquisa é estratégia baseada no processo emanado pelo corpo explorador em sua plena fluidez. Vaga, marginal, não-linear. Espasmos e contrações de pensamentos. Ra-ta-za-nar é caminhar pelo submundo das incertezas, concepções imprecisamente convictas em estado líquido correndo dentro das veias. Traçar uma cartografia do pensamento, reflexão das experiências, grafismo de cicatrizes. Submergir e emergir do esgoto das vísceras do corpo-mente do sujeito-eu-agora.

Estar imerso na não-pesquisa, busca sem objetivo de chegar ou encontrar algo, pois como propósito tem apenas estar em movimento. Jorrar palavras que parecem sair pelas pontas dos dedos.

Ao Ratazanar, me senti algumas vezes zozzo, como se tivesse encharcado demasiadamente a folha de papel a ponto de ficar com o corpo desidratado.

Metodologia da dor, do que corta, arrepia. Calafrio na nuca, desejo. Produção que estimula, simula, recorda, desperta. Compulsivamente goza do caminho, percurso da poesia criada a partir do vivido, acontecido, movido. Estética, gráfica, literária. Profanamente pedagógica. Espontânea e visceral. Dissimuladamente sem pretensão, ousa apenas existir. Manifestando-se em forma de livro, tesão palpável. Apenas um mapa, texto, não-diário, corpo de uma experiência.

Ratazanar é incomodar, provocar, roer. É pesquisa e não-pesquisa. Traçar percursos pelas margens, dutos, passar pelas frestas, entrar e sair de buracos. Ao modo Ratazanar de pesquisa deglutimos e evacuamos durante o caminho das páginas roídas. Há paixão pela linguagem e o trabalho transgride a idéia de labuta. A escrita é pulsional e a pesquisa, fusão da rota traçada durante o processo de movimento calcado no ato da leitura de outros sujeitos e a escrita parida, somado à bagagem de viagens anteriores. Viagens escolares e não-escolares, acadêmicas e não-acadêmicas. Viagem literal ou subjetiva, mas sempre viagem. Deslocamentos, aprendizagens, experiências.

Ratazanar é cutucar, dançar, engolir, mijar. Respirar, suspirar, ofegar, excitar. A metodologia RATAZANAR é despojada, mas intensa. Sincera, umedece os olhos e irriga as artérias. Molha a boca do sujeito-ratazana-da-experiência, mas não sacia a sede. Consegue matar a pesquisa e parir a pesquisa simultaneamente. Odiar o trabalho acadêmico e amá-lo. Volto a dizer que, dissimuladamente sem pretensão ousa apenas existir. Manifestando-se em forma de livro, tesão palpável.

Método das estranhas, fluídos, pelos. Ratazanar é pulsional e cheira a vida. Exala sentimento, desejo, potência. É suor do corpo pintando a folha. Promove o transbordamento da alma na trajetória-investigativa, pesquisa como fruição, na experiência RATAZANAR.

À deriva, exagera e dramatiza o vagamundear solitariamente acompanhado de outros, potentes indivíduos da linguagem.

A solução é

Vontade

Desejo

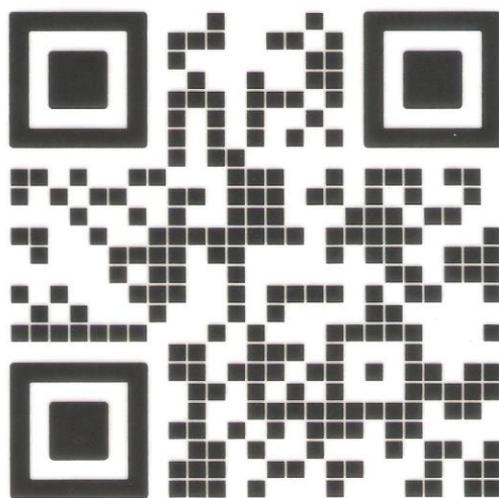
Fruição

E sem tesão não há

...

DESVIO

DE



linguagem

Referências

- LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Rev. Bras. Educ. 2002, n.19, p.20-28.
- LAROSSA, Jorge. **Experiência e alteridade em educação.** Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011
- LAROSSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas.** 6.ed.rev.amp. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2017.
- COSTA, Luciano B. **Cartografia: uma outra forma de pesquisar.** Revista digital do LAV - Santa Maria - vol. 7, n.2, p. 66-77 - mai./ ago.2014.
- COSTA, Luciano B. **Com olhos da Suspeita: Nietzsche e o estatuto da experiência em educação.** Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.28-41, jul./dez. 2011
- OLIVEIRA, Thiago R. M. de; PARAISO, Marlucy A. **Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação.** In: Pro -Posições vol.23 no.3, p.159-178, Campinas Sept. /Dec. 2012.
- FELDENS, Dinamara G.; SANTANA, Anthony F. T. **Movimentos estéticos na docência e a arte de produzir a vida.** In: Arte e filosofia na mediação de experiências formativas contemporâneas / José Albio Moreira de Sales, Dinamara Garcia Feldens. - Fortaleza: EdUECE, 2012.
- GALLO, Sílvio. **Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença.** ANAIS do II Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2008. p. 1. In: FELDENS, Dinamara G.; SANTANA, Anthony F. T. Movimentos estéticos na docência e a arte de produzir a vida.
- MUNHOZ, Angélica V.; COSTA, Luciano B. **Uma aula não precisa ser confundida com todas as aulas.** In: Arte e filosofia na mediação de experiências formativas contemporâneas / José Albio Moreira de Sales, Dinamara Garcia Feldens. - Fortaleza: EdUECE, 2012.
- SCARELI, Giovana; ANDRADE, Elenise C. P.; BRITO Luisa. **Poéticas e políticas atravessam, versam e assombram culturas e educações.** In: Arte e filosofia na mediação de experiências formativas contemporâneas / José Albio Moreira de Sales, Dinamara Garcia Feldens. - Fortaleza:

EdUECE, 2012.

LEMOS, Flávia C. S.; SILVA, Alyane A.; SANTOS Daniele V. **Subverter** in Pesquisar na diferença: um Abecedário / organizado por Tania Mara Galli Fonseca, Maria Lívia do Nascimento, Cleci Maraschin. - Porto Alegre: Sulina, 2012.

BEY, Hakim. **Taz - Zona Autônoma Temporária**. Editora Conrad, 2001.

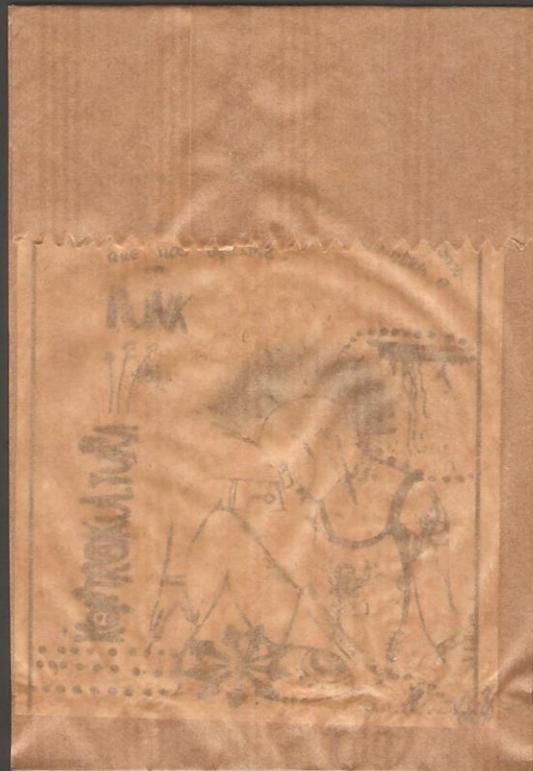
NOLL, Keô. **Zine Kaipora**, 2015.

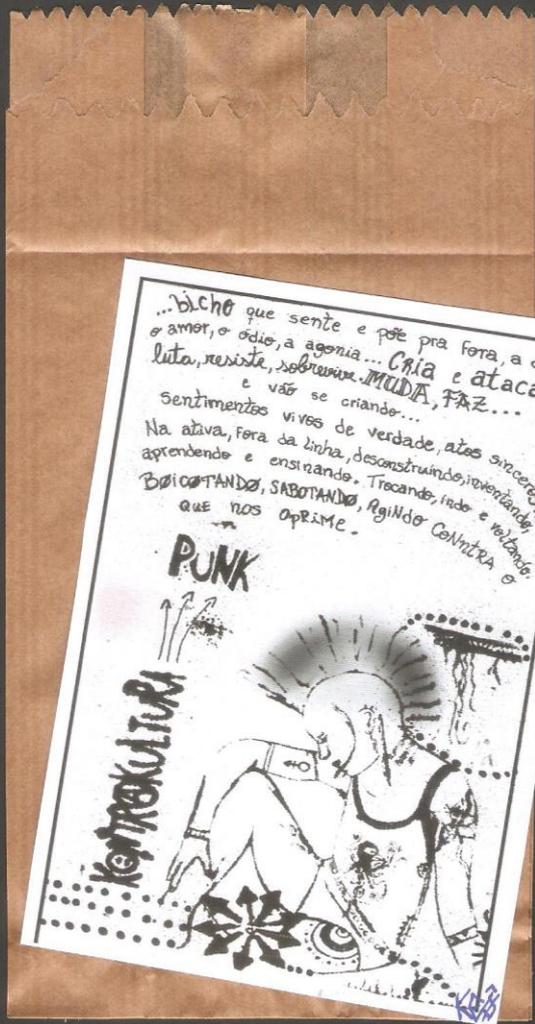
LINS, Daniel. **Antonin Artaud - O Artesão do Corpo Sem Órgãos**. Rio de Janeiro, Editora Dumará, 1999.

MICHON, Pierre. **Rimbaud, o filho**. Porto Alegre, Editora Sulina, 2000.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo, Ed.34, 1997.

FREIRE, Roberto. **Sem tesão não há solução**. Rio de Janeiro, Editora Guanabara S.A.,1987.





...dicho que sente e põe pra fora, a dor,
o amor, o ódio, a agonia... **Cria e ataca.**
luta, resiste, sobrevive. **MUDA, FAZ...**
e vão se criando...

Na ativa, fora da linha, atos sinceros
aprendendo e ensinando. Trocando, indo e voltando.
BOTANDO, SABOTANDO, Agindo CONTRA o
que nos **OPRIME.**

PUNK

KONTROKULTURA

